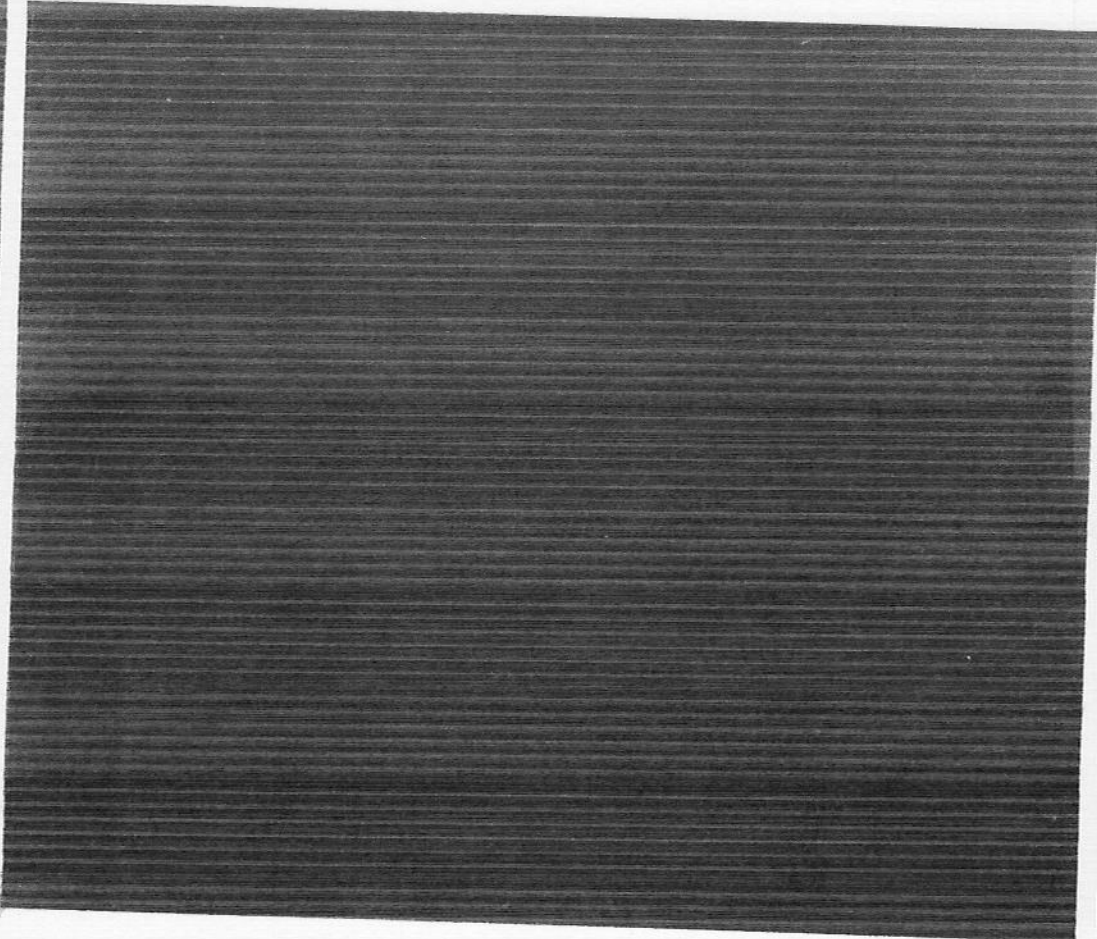


96 ps

# MÃE

José de Alencar



COLEÇÃO DE TEATRO  
Cadeira de Literatura Brasileira  
Letras U.S.P.

**4**  
C.A.E.L.

M ã E

DRAMA EM QUATRO ATOS

Representado pela primeira vez no Ginásio Dramático,  
do Rio de Janeiro, em março de 1860



PERSONAGENS

Dr. Lima        Vicente

Jorge            Elisa

Gomes           Joana

Peixoto

A cena é no Rio de Janeiro

A época 1855.

A MINHA MÃE  
E MINHA SENHORA  
D. ANA J. DE ALENCAR

Mãe,

Em todos os meus livros há uma página que me foi inspirada por ti. É aquela em que fala esse amor sublime que se reparte sem dividir-se e remoça quando todas as afeições caducam.

Desta vez não foi uma página, mas o livro todo.

Escrevi-o com o pensamento em ti, cheio de tua imagem, bebendo em tua alma perfumes que nos vêm do céu pelos lábios maternos. Se, pois, encontrares aí uma dessas palavras que dizendo nada exprimem tanto, deves sorrir-te; porque fôz-te tu, sem o querer e sem o saber quem me ensinou a compreender essa linguagem.

Acharás neste livro uma história simples; simples quanto pode ser.

É um coração de mãe como o teu. A diferença está em que a Providência o collocou o mais baixo que era possível na escala social, para que o amor estreme e a abnegação sublime o elevassem tão alto, que ante elle se curvassem a virtude e a inteligência; isto é, quanto se apura de melhor na lida humana.

A outra que não a ti causaria reparo que eu fôsse procurar a maternidade entre a ignorância e a rudeza do cativo, podendo encontrá-la nas salas trajando sédas. Mas sentes que se há diamante inalterável é o coração materno, que mais brilha quanto mais espessa é a treva. Rainha ou escrava, a mãe é sempre - mãe.

Tu me deste a vida e a imaginação ardente que faz que eu me veja tantas vezes viver em ti, como vives em mim; embora mil circunstâncias tenham modificado a obra primitiva. Me deste o coração que o mundo não gastou, não; mas cerrou-o tanto e tão forte, que só, como agora, no silêncio da vigília, na solidão da noite, posso abri-lo e vazá-lo nestas páginas que te envio.

Recebe, pois, Mãe, do filho a quem deste tanto, esta pequena parcela da alma que bafejaste.

J. de Alencar

Rio de Janeiro, 1859



ATO PRIMEIRO

Em casa de Gomes. Sala de visitas

CENA PRIMEIRA

Elisa e Gomes

GOMES - Já estás cosendo, minha filha?

ELISA - Acordei tão cedo... Não tinha que fazer.

GOMES - Por que me ocultas o teu generoso sacrifício? Cuidas que não adivinhei?

ELISA - O que, meu pai?... Que fiz eu?...

GOMES - São as tuas costuras que têm suprido esta semana as nossas despesas. Conheceste que eu não tinha dinheiro para os gastos da casa e não me pediste... trabalhaste!

ELISA - Não era minha obrigação, meu pai?

GOMES - Oh! É preciso que isto tenha um termo!

ELISA - Também hoje é 3 do mês... Vm. receberá o seu ordenado.

GOMES - Meu ordenado?... Já o recebi.

ELISA - Ah! Precizou dêle para pagar a casa?

GOMES - Depois que morreu tua mãe, Elisa, tenho sofrido muito. Além dessa perda irreparável, as despesas da moléstia me atrasaram de modo, que não sei quando poderei pagar as dívidas que pesam sobre mim.

ELISA - E são muitas?

GOMES - Nem eu sei... Já perdi a cabeça! Mas isto vai acabar... Não é possível viver assim.

ELISA - Que diz, meu pai!

GOMES - Perdoa, Elisa. Foi um grito de desespero... Às vezes, confesso-te, tenho medo de enlouquecer.

cer! Até logo.

CENA II  
Elisa e Joana

JOANA - Bom dia, iaiá.

ELISA - Adeus, Joana.

JOANA - Iaiá está boa?

ELISA - Boa, obrigada.

JOANA - Sr. Gomes já foi para a repartição...

ELISA - Saiu agora mesmo.

JOANA - Encontrei êle na escada. Hoje não é dia de lição de nhonhô Jorge?

ELISA - Segunda-feira... É, e ainda nem tive tem po de passar os olhos por ela.

JOANA - Então, como há de ser?

ELISA - Estou acabando esta costura. Já vou estudar.

JOANA - Pois enquanto iaiá cose, eu vou arrumando a sala: pode vir gente.

ELISA - Mas, Joana... Teu senhor não há de gostar disto!

JOANA - De que, iaiá?

ELISA - Tu nos serves, como se fôsses nossa escrava. Tôdas manhãs vens arranjar-nos a casa. Varres tudo, espanas os trastes, lavas a louça e até cozinhas o nosso jantar.

JOANA - Ora, iaiá! que me custa a fazer isso?... Nhonhô sai muito cedo, logo às 7 horas; eu endireito tudo lá por cima, num momento, porque também tem pouco que fazer; e depois venho ajudar a iaiá que se mata com tanto trabalho.

ELISA - E o Sr. Jorge sabe disto?

JOANA - Que tem que saiba?... Não é nada de mal!

ELISA - Muitos senhores não gostam que seus escravos sirvam a pessoas estranhas.

JOANA - Iaiá não é nenhuma pessoa estranha... De pois, Vm. não conhece meu nhonhô? Não sabe como êle é bom?...

ELISA - Oh! sei!... Há um ano que é nosso vizinho, e nesse pouco tempo quanto lhe devemos!

JOANA - Mas iaiá é uma môça bonita!... E eu que sou sua mulata velha... desde que nhonhô Jorge nasceu que o sirva, e nunca brigou comigo! Se êle não sabe ralhar... Olhe, iaiá! Tôdas as festas me dá um vestido bonito... E não dá mais porque é pobre!

ELISA - Fôste tu que o criaste?

JOANA - Foi, iaiá. Nunca mamou outro leite senão o meu...

ELISA - E por que êle não te chama - mamãe Joana?

JOANA - Mamãe!... Não diga isto, iaiá!

ELISA - De que te espantas? Uma coisa tão natural!

JOANA - Nhonhô não deve me chamar assim!... Eu sou escrava, e êle é meu senhor.

ELISA - Mas é teu filho de leite.

JOANA - Meu filho morreu!

ELISA - Ah! Agora compreendo!... Esse nome de mãe te lembra a perda que sofreste!... Perdoa, Joana.

JOANA - Não tem de que, iaiá. Mas Joana lhe pede... Se não quer ver ela triste, não fale mais nisto.

ELISA - Eu te prometo.

JOANA - Obrigada, iaiá. (Pausa.)

José de Alencar \_\_\_\_\_

ELISA - Devem ser perto de nove horas... O Sr. Jorge não tarda.

JOANA - É mesmo!... Éle que vem sempre à hora - certa.

ELISA - Nem tenho vontade de estudar.

JOANA - Estão batendo.

### CENA III

ELISA, JOANA E PEIXOTO

PEIXOTO - Viva, minha senhora! O Sr. Gomes?

ELISA - Há pouco saiu.

PEIXOTO - Já saiu! Tão cedo!... Ainda não são - nove horas.

JOANA - Meu senhor, êle teve que fazer.

PEIXOTO - Nem de propósito! Sempre que o procuro, o Sr. Gomes não está em casa.

ELISA - O senhor não quer sentar-se?

PEIXOTO - Obrigado; tenho pressa.

ELISA - Por que não o procura na repartição?

PEIXOTO - Não estou para isso. Queria dizer-lhe que o Peixoto aqui veio e voltará dentro de meia hora.

ELISA - Sim, senhor.

PEIXOTO - Sem mais!

### CENA IV

JOANA E ELISA

JOANA - Cruzes!... Que homem grosseiro, minha Virgem Santíssima!... Um senhor assim era um purgatório.



ELISA - Coitado ! A culpa não é dêle!

JOANA - De quem é então?

ELISA - Dos pais, que não lhe souberam dar educação.

JOANA - Que bom coração tem iaiá!... Desculpa tudo.

ELISA - Para que me desculpem também os meus defeitos, Joana.

JOANA - É o que iaiá não tem. Oh! Joana sabe - conhecer gente! E então iaiá que está mesmo mostrando o que é, nesse rostinho de prata!

ELISA - Deixa-te disso, Joana.

JOANA - Ah! se iaiá soubesse como eu lhe quero bem!...

ELISA - Assim te pudesse eu agradecer como desejava!

JOANA - Inda mais, iaiá?

ELISA - Estás brincando!... Nunca te dei nada.

JOANA - Então iaiá!... Cuida que é pouco ver - meu nhonhô feliz?

ELISA - Joana!...

JOANA - Não se zangue, não, iaiá, com sua multa velha.

ELISA - Para que falas dessas coisa? Não gosto.

JOANA - Está bom! Eu calo a bôca. Então êlenão merece?

ELISA - Merece muito mais; porém...

JOANA - Ora, iaiá!... Não disfarce!...

ELISA - Outra vez?

JOANA - Eu só peço uma coisa. Nosso Senhor não me mate sem que eu veja isso. Há de ser uma festa!...

ELISA - Queres que eu me agaste deveras, hein?

JOANA - Não, iaiá, não! Mas que noivo bonito, e a noiva, hi!... Feitinhos um para o outro!

ELISA - Eu te peço, Joana...

JOANA - Nesse dia... Olhe, iaiá! Hei de pôr meu cabeção novo, como as mulatinhas da Bahia... Que pensa! Não faça pouco na sua escrava iaiá! Joana também já foi môça... sabia riçar o pixaim e bater com o ta cão da chinelinha na calçada; só - taco, taco, tataco! Oh! hei de me lembrar do meu tempo... Se eu já estou chorando de contente!... E meu nhonhô como não há de ficar alegre!

ELISA - Não gosto destas graças, já te disse.

JOANA - Que mal faz? É uma coisa que há de acontecer.

ELISA - Estás bem livre!

JOANA - Se iaiá não pagasse a meu nhonhô todo o bem que lhe quer...

ELISA - Que farias?

JOANA - Eu, iaiá?... Nada! Que pode fazer uma es crava?... Mas iaiá era ingrata!

ELISA - Pois serei.

JOANA - Iaiá jura?... Não é capaz!... Nem que ês se coração não estivesse aí saltando!

ELISA - Se continuas... Vou-me embora! (Batem.)

JOANA - Querem ver que é nhonhô!

ELISA - Bico!... Ouviste?

JOANA - Joana sabe guardar um segredo, iaiá.

## CENA V

As mesmas e JORGE

JORGE - Como passou, D. Elisa?... Ah! Joana está lhe fazendo companhia!

ELISA - Veio conversar comigo.

JORGE - Quando precise de mandar por ela fazer alguma coisa, não tenha acanhamento, D. Elisa.

ELISA - Já lhe sou tão obrigada, Sr. Jorge!

JOANA - Eu não lhe disse, iaiá?

JORGE - O quê?

JOANA - Não vê, nhonhô, que êstes dias, desde que o escravo do Sr. Gomes foi doente para a Misericórdia, eu venho fazer algum serviço, pouco...

JORGE - Tu és sempre boa, Joana!

JOANA - Não digas isso, nhonhô!

JORGE - Digo, sim! - D. Elisa, creio que minha mãe, a quem não conheci, não me teria mais amor do que esta segunda mãe, que me criou.

JOANA - Hô gente, nhonhô! Isso são modos de tratar sua escrava.

ELISA - O Sr. tem razão, Sr. Jorge.

JOANA - Não tem! Não tem!

ELISA - Basta ouvi-la falar do senhor.

JORGE - Ah! Ela falou-lhe de mim?... Que disse?...

JOANA - Nada, nhonhô.

ELISA - Em outras palavras, o que o senhor acaba de repetir.

JOANA - Iaiá... Eu disse que queria bem a meu se

JORGE - Não a compreendo.

ELISA - Escute, Sr. Jorge. Há dias que tenciono dizer-lhe... porém falta-me o ânimo.

JORGE - O quê?... Diga, D. Elisa.

ELISA - Não posso continuar com as lições.

JORGE - Ah!... Tem outro mestre?

ELISA - Não seja injusto! Que melhor mestre podia achar do que o senhor? Eu é que não quero mais estudar.

JORGE - Por que, minha senhora?

ELISA - Não lhe posso dizer.

JORGE - Desculpe, se cometi uma indiscrição.

ELISA - Nenhuma... E demais, é preciso que o senhor saiba... Meu pai não pode... pagar-lhe...

JORGE - A senhora me ofende, D. Elisa!... Exigi alguma coisa?

ELISA - Oh! não!... E é por isso que lho disse... Já lhe devemos seis meses...

JORGE - Não fale nisto! Nunca foi minha intenção receber paga de tão pequeno serviço. Ao contrário, tinha-me por feliz em poder prestá-lo.

ELISA - Mas eu é que não devo.

JORGE - Por que me recusaria isto? Assim, fique tranquila. Continuaremos com as nossas lições.

ELISA - Como?... Não tenho piano.

JORGE - E este?

ELISA - Meu pai quer vendê-lo... Precisa...

JORGE - É só êsse o motivo?... Eu lhe emprestarei o meu. Nunca toco.

ELISA - Ainda quando aceitasse, o que não devia ,



o seu delicado oferecimento, Sr. Jorge, era impossível continuar.

JORGE - Entendo D. Elisa, A senhora procura um pretexto para despedir-me; e eu estou torturando-a com a minha insistência.

ELISA - Sr. Jorge!...

JORGE - Desculpe. Se tivesse percebido, há muito que me teria retirado.

ELISA - Meu Deus! Não me obrigue a confessar - -lhe tudo!

JORGE - Adeus, minha senhora!

ELISA - Mas, Sr. Jorge...

JORGE - Tenho a consciência de que nunca lhe falei ao respeito que devia...

ELISA - Pois bem... O senhor quer. Eu preciso trabalhar!... Preciso ganhar para viver!

JORGE - A senhora, D. Elisa?

ELISA - Bem vê que não tenho nem tempo, nem vontade para estudar!

JORGE - Perdoe-me! Estava tão longe de suspeitar!

ELISA - Ainda supõe que seja um pretexto?

JORGE - Esqueça o que lhe disse.

ELISA - Só me lembro do que lhe devemos. (Pausa)

JORGE - Ouça-me, D. Elisa, e sirvam-me as suas lágrimas de testemunhas perante Deus. Há muito tempo que trabalho para conseguir uma posição digna de lhe ser oferecida. Quer dar-me o direito de partilhar a sua sorte?... Responda-me! Eu lhe suplico!

ELISA - Não!... Não posso responder-lhe!... Nem aceitar.

JORGE - Porque é pobre?... Também eu o sou! Se-

remos dois a lutar.

ELISA - Meu pai... lhe dirá... Eu não!

JORGE \* Era minha intenção falar-lhe; mas antes quero o seu consentimento. Recusa-me?

ELISA - Não sei!

JORGE - Elisa!...

ELISA - Fale!...

JORGE - Obrigado, minha mulher!...

ELISA - Não me chame assim!

JORGE - Esse título me impões o dever de fazer a sua felicidade, e me dá o direito de velar sobre a sua existência.

ELISA - Se meu pai não se opuser.

JORGE - Ainda quando êle se oponha, Elisa. Não contrariaremos a sua vontade, não esqueceremos os nos sos deveres; mas a aliança pura de duas almas que se compreendem tem a sua religião.

ELISA - Ê meu pai!

JORGE - Vem a propósito.

ELISA - Mas não lhe fale agora, não.

#### CENA VII

Os mesmos e GOMES

JORGE - Bom dia, Sr. Gomes!...

GOMES - Ah!... Como passou, Sr. Jorge?... Desculpe!... Não tinha visto. (Senta-se distante.)

JORGE - Permite que continuemos?

GOMES - Pois não!

JORGE - (a Elisa) - Não quer dar a sua lição?

ELISA - (a meia voz) - Não posso cantar agora!...

José de Alencar

Não vê como estou tôda trêmula!

JORGE - Pois toque um pouco.

GOMES (Sentindo a falta do relógia) - Ah!...Que horas são?... Deixei o meu relógio a consertar.

JORGE - Nove e vinte.

GOMES - Já?... Não chega!... Que martírio!...

ELISA - Que tem, meu pai?

GOMES - Nada! Deixa-me! Estou aflito!... Espero uma resposta.

ELISA - Vm. está tão descorado!

GOMES - É o calor... o cansaço, talvez! Não te inquietes.

JORGE (a Elisa) - Seu pai está incomodado. Naturalmente deseja ficar só. Até logo.

ELISA - Sim! Até logo.

JORGE - Não se esqueça que me deu o direito de viver para a sua felicidade.

ELISA - É coisa que se esqueça nunca?

JORGE - Se houver alguma novidade, mande-me chamar.

ELISA - Imediatamente.

JORGE - Sr. Gomes!...

GOMES - Já vai?

JORGE - Quando poderei falar-lhe hoje, que me - nos o incomode?

GOMES - Á tarde... ou à noite.

JORGE - Eu passarei à noite. (Volta) Uma carta que acabam de entregar.

GOMES - Ah!...

## CENA VIII

## GOMES E ELISA

GOMES (lendo) - "Sinto muito... porém... as minhas circunstâncias..." É o que todos respondem!... Infames! Não se lembram que se hoje lhes peço migalhas, já lhes dei a abastança.

ELISA - Que diz essa carta que o agoniza tanto, meu pai?

GOMES - O que há de ser, minha filha?!... Mais um ingrato a quem estendo a mão e que me recebe com o pé.

ELISA - Não lhes peça nada!... Olhe! o nosso trabalho bastará para vivermos! Guarde o seu ordenado para pagar casa e vestirmos. Eu não preciso de nada. Das minhas costuras tirarei o necessário para os gastos diários.

GOMES - Não te iludas, Elisa! Podes te matar, mas não farás impossíveis.

ELISA - Há de ver.

## CENA IX

## Os mesmos e Vicente

VICENTE - O Sr. Gomes, empregado público...

GOMES - Que deseja?

VICENTE - É V. S<sup>a</sup>. ?

GOMES - Um seu criado.

VICENTE - Então permita... Cito-o pela petição supra e seu despacho, do teor seguinte: - "Ilmo. Sr. Dr. Juiz Municipal da 3.<sup>a</sup> Vara. Diz..."

GOMES - Peço-lhe que me dispense dessa formalidade.



VICENTE - Prescinde da leitura, neste caso?

GOMES - Sei de que se trata. É do meu senhorio?

VICENTE - Justamente! Mandado de despejo, dentro de 24 horas, por não pagamento de aluguéis.

ELISA - Meu Deus!

GOMES - Estou ciente, senhor.

ELISA - Mas então, meu pai?

GOMES - Tudo nos perseguê, minha filha.

VICENTE - V.S<sup>a</sup>. tem à mão papel e tinta para passar a contrafé... senão dou um pulo à venda defronte.

ELISA - Aqui tem, senhor.

VICENTE - Qualquer pena serve.

ELISA - O senhor não poderá fazer alguma coisa a favor de meu pai?

VICENTE - Sou suspeito, Sra. Dona... Oficial de juízo!

ELISA - Então amanhã vêm deitar-nos fora de casa?

VICENTE - Qual!... O senhor seu pai não tem advogado? É pedir vista... embargos... agravo... Lá o doutor sabe bem disso! Tem chicana para um ano!

ELISA - Ouve, meu pai? - Ainda há remédio.

GOMES - Se eu tivesse dinheiro para pagar a advogados... Mas nesse caso pagaria antes ao meu credor, cuja dívida é justa.

VICENTE - É V. S<sup>a</sup>. o primeiro réu que o confessa!

CENA X

Os mesmos e PEIXOTO

PEIXOTO - Com licença!

rio?  
entro

GOMES - Quem é?  
ELISA - Ah! É o senhor que há pouco o procurou, meu pai.  
PEIXOTO - Finalmente achei-o em casa.  
GOMES - Sr. Peixoto, não me nego a pessoa alguma.  
PEIXOTO - Não digo o contrário mas é difícil de o encontrar.  
VICENTE - V. S<sup>a</sup>. paga a contra-fé?  
ELISA - Quanto é?  
GOMES - Não tenho com que pagar, senhor.  
VICENTE - Bem. É só para declarar.  
sa a  
de  
casa?  
ad-  
o

PEIXOTO - Hum!... Já lhe anda esta gente por casa... Mau sinal!  
VICENTE - Viva, Sr. Peixoto! (A Gomes) Aqui tem!  
GOMES - Não preciso d'êste papel.  
VICENTE - Em todo o caso aí fica. Às ordens! Queira desculpar!  
PEIXOTO (a meia voz) - Que foi isso?  
VICENTE (idem) - Despejo!  
PEIXOTO - Mau!

ad-  
e -  
es-

GOMES - Elisa, vai para dentro. Deixa-me conversar com o senhor.

## CENA XI

## GOMES E PEIXOTO

PEIXOTO - Sabe o que me traz aqui?  
GOMES - Sim, senhor. Não lhe posso pagar.  
PEIXOTO - Essa é boa! Por quê?

GOMES - Porque não tenho dinheiro.

PEIXOTO - Veremos.

GOMES - Enquanto consevei uma esperança, pedi-lhe que tivesse paciência. Hoje nada espero; nada peço.

PEIXOTO - Que fêz do ordenado?

GOMES - Descontei-o seis meses adiantados para viver.

PEIXOTO - A sua mobília?

GOMES - Já não é minha. A pessoa que a comprou deixou-me alugada; e como não lhe tenho pago os aluguéis, vem buscá-la amanhã.

PEIXOTO - E os escravos que possuía?

GOMES - O último saiu desta casa sob o pretexto de ir para a Misericórdia, a fim de que minha filha ignorasse... Foi penhorado!

PEIXOTO - Mas há pouco, vi aqui uma mulata.

GOMES - Era talvez a escrava do meu vizinho do segundo andar.

PEIXOTO - Ah! É verdade. Conheço-a! Do Sr. Jorge?

GOMES - Sim, senhor.

PEIXOTO - Assim, nada lhe resta?

GOMES - Nada absolutamente! Estou na miséria!

PEIXOTO - Pois não sei como há de ser. Não estou disposto a perder o meu dinheiro.

GOMES - Se eu pudesse vender-me para pagar-lhe, creia que não hesitaria. Não posso. Que hei de fazer?

PEIXOTO - O senhor não sabe?

GOMES - Sei!...

de o senhor não tiver o dinheiro para pagar-me, às -  
seis apresento a letra na polícia.

GOMES - Dê-me tempo ao menos para procurar o ho-  
mem com quem tratei.

PEIXOTO - E o senhor tratou com alguém!

GOMES - Infame!... Duvida de minha palavra!

PEIXOTO - Ah! Quer brigar? Não estou disposto.  
Até às cinco horas.

GOMES - Meu Deus! Condenado como um falsário!...  
Não! Já resisti por muito tempo!

CENA XII

GOMES E ELISA

ELISA - Meu pai!...

GOMES - Tu ouviste, minha filha?

ELISA - Ouvi tudo.

GOMES - Pois então ouve o resto.

ELISA - Sossegue primeiro.

GOMES - Não há sossego nestes transe. Acabas de  
saber que estamos na miséria; nada temos, nada deve-  
mos esperar. Mas isto não era bastante; aí vem a de-  
sonra coroar a miséria.

ELISA - Mas o que disse aquêle homem é uma men-  
tira, não é?

GOMES - Tu duvidaste um momento da probidade de  
teu pai?

ELISA - Oh! Não, não!

GOMES - Se eu quisesse, já não digo roubar, mas  
transigir com a minha consciência, os que agora nos  
desprezam, aí estariam ainda nos importunando com a

sua amizade fingida e hipócrita.

ELISA - Não se defenda, meu pai. Eu creio na sua honra, como creio em Deus. Se lho perguntei é porque desejava ouvir de sua boca o desmentido de semelhante calúnia. (Pausa.)

GOMES - Elisa, minha filha!... Êste último golpe é mais forte que minha razão. Muitas vêzes já a minha coragem vacilou encarando a miséria: um projeto luco me passou pelo espírito, e estêve bem pres-tes a realizar-se. Resisti, lembrando-me de ti. À vergonha, à infâmia, minha filha, não posso... não sei resistir!

ELISA - Não pense nisto, meu pai.

GOMES - Quando não se pode viver honrado, morre-se.

ELISA - Quer-se matar!

GOMES - Isto é vida!

ELISA - Meu Deus!... Por piedade!

GOMES - É necessário!

ELISA - E eu, e sua filha? Deixa-a ao desamparo?

GOMES - Preferes que a arraste à vergonha?... Não sentes que vais perder teu pai?... Escolhe! Vê-lo infame nas galés, ou chorá-lo morto, porém honrado.

ELISA - Mas ainda pode selvar-se!... Não há de ser condenado, não!

GOMES - Refleti, Elisa, Que defesa tenho eu?... A minha palavra. E isto basta? Sem dinheiro, sem amigos?... Só me resta uma esperança; e é que esse homem cumpra o que disse. Mas essa... não acredito nela.

ELISA - Por quê?... Êsse homem deve ter um coração! Eu lhe suplicarei de joelhos.

GOMES - Tu sabes se te quero, Elisa, e com que

extremos te amo. A única dor que levo desta vida é deixar-te!... Uma menina de 18 anos, sem pai, sem mãe, ao desamparo, é um anjo perdido neste mundo torpe. Toda a sua virtude não basta às vezes para defendê-la. Sucumbe à necessidade implacável...

ELISA - E quer me abandonar!

GOMES - Sou eu que te abandono, Elisa, ou é a fatalidade que me arranca de teus braços?

ELISA - Deus se há de condoer de nós!

GOMES - Se te sentes com força de lutar, minha filha, talvez a felicidade te depare um homem que te ame, e proteja a tua orfandade.

ELISA - E por que não nos protegerá ambos?

GOMES - Eu já não preciso senão do perdão do Senhor e do teu. Se, porém, te sentes fraca... Não te aconselho... Não digo que o faças... Segue o impulso de tua alma...

ELISA - Acabe, meu pai!

GOMES - O que ficar deste vidro...

ELISA - Ah!

GOMES - É a única herança de teu pai, Elisa.

ELISA - Oh! Sim! Morremos juntos!

GOMES - Não! Foi uma leucura!... Esquece o que te disse! Tu ainda podes ser feliz, minha filha!...

## ATO SEGUNDO

Em casa de JORGE. Sala simples, mas elegante.

## CENA PRIMEIRA

JOANA E VICENTE

VICENTE - Como vai isto por cá?

JOANA - Oh! Bilro!... Vamos indo, como Deus é servido!

VICENTE - Ha saúde e patacos, é o que se quer.

JOANA - Saúde não falta, não, Bilro! No mais vai-se vivendo, como se pode.

VICENTE - Olhe, Sra. Joana.... Há muito que estou para lhe pedir uma coisa.

JOANA - Sra. Joana!... Estás doido, Bilro?

VICENTE - Não, mas é que... Sim... Bem vê que tenho hoje uma posição... E êste modo de chamar a gente de Bilro....

JOANA (rindo) - Ah! ah! ah!... Então porque és pedestre, ou meirinho... Não sei o quê!

VICENTE - Menos isso!... Oficial de justiça!

JOANA - Pois que seja... Oficial da justiça, ou da injustiça... Porque és isto, julgas que ficas desonrado se eu te chamar de Bilro?... Ora, não vejam só êste meu senhor! Que figurão!... V.S.<sup>a</sup>. faz obséquio... ou V.Ex.<sup>a</sup>.?... Queira ter a bondade... Por quem é... Sr. Vicente...

VICENTE - Romão... Romão...

JOANA - Sr. Vicente Romão. Queira desculpar!... sem mais aquela.

VICENTE - Está zombando.

JOANA - Hô!... Não é assim que deve tratá-lo?

VICENTE - Toma o recado na escada... Eu por mim não me importava; mas falam.

JOANA - Pois olha! Cá comigo está se ninando!... Eu te conheci assim tamaninho, já era rapariga, muca ma de minha senhora môça, que Deus tem, e foi sempre Bilro para lá, tia Joana para cá. Se quiseres há de ser o mesmo... senão, passar bem. Ninguém há de morrer por isso.

VICENTE - Mas, Joana...

JOANA - Tia Joana!

VICENTE - Está bom, para fazer-lhe a vontade... Tia Joana!... Não era melhor que a gente se tratasse como os outros?....

JOANA - Não sei se é melhor, se não... Quando te vir hei de chingar-te com o Bilro na venta.

VICENTE - Não tem graça nenhuma.

JOANA - Se te parecer, não responde: é o mesmo.

VICENTE - Em teima ninguém lhe ganha!... Não vê que é preciso a gente dar-se a respeito.

JOANA - Dá-te a respeito lá com as outras. Comi go estás bem aviado.

VICENTE - Pois é isto que eu quero! Não me enten deu... Diante dos outros a senhora... a tia Joana que lhe custa me chamar de Vicente?

JOANA - Diante dos outros?... Pois sim! Mas olha que é Vicente só!

VICENTE - Vicente Romão... É mais cheio.

JOANA - Uma figa!... Nem Romão, nem senhor! Vi cente.

VICENTE - Enfim! Era melhor o nome todo... Não quer! Que se lhe há de fazer!



JOANA - Então não perguntas por nhonhô Jorge?

VICENTE - Ia perguntar; mas Vm...

JOANA - Vm... Hein... Bilro...

VICENTE - Você me atrapalhou, tia Joana. Como está es tá êle, o Sr. Jorge? Está bom?

JOANA - Bom e crescido que faz gosto... Se tu o vires!

VICENTE - Não há quinze dias que estive com êle.

JOANA - Pois faz sua diferença!... Todos os dias parece que fica mais alto e mais sério... Eu acho ê-le tão bonito, meu Deus!

VICENTE - Pudera não! Você o criou!

JOANA - E tu não achas?

VICENTE - Eu não! E é preciso que diga.

JOANA - Já lhe saiu todo o buço.

VICENTE - Também êle já anda rastejando pelos vinte e um.

JOANA - Completou hoje, Bilro.

VICENTE - É verdade. - Ora tia Joana! Já estamos ficando velhos. Inda me parece que foi outro dia que você dava de mamar a êle.

JOANA - Como me lembra!... Eu tinha dezessete anos, e tu eras um pirralho de oito. Vinhas bulir com êle no meu colo; e como eras muito travêssonos, nós te começamos a chamar de Bilro. Nunca estavas quieto!

VICENTE - E aquela vez que um sujeito fêz-me por força levar-lhe um recado... Quando a gente é criança faz cada uma!

JOANA - Doeu-te o puxão de orelha que te dei?

VICENTE - Oh! se doeu!... Também nunca mais!

JOANA - E perdias teu tempo!

José de Alencar

VICENTE - Lá isso eu sempre disse... Nunca houve mulatinha que se desse mais a respeito do que tia Joana. Pois em casa punham a bôca em todos; mas dela não tinham que mexericar.

JOANA - Não fala mais nisso, Bilro. A gente tem vontade de chorar.

VICENTE - É mesmo, tia Joana. Bom tempo! Sr. doutor só fazia ralhar. Tirante disso, era bom amo.

JOANA - Tens tido notícias dêle?

VICENTE - Depois que foi viajar, nunca mais soube por onde anda.

JOANA - E a comadre Rosa queêele vendeu a um homem da Rua da Alfândega?

VICENTE - Essa morreu... O André está cocheiro na praça.

JOANA - Cada um para sua banda.

VICENTE - Vou indo também para a minha. Adeus, tia Joana.

JOANA - Agora até quando?

VICENTE - Não sei! Hoje como tive que fazer por aqui, então disse cá com os meus botões: - Deixa-me ver<sup>a</sup>tia Joana. - Já vi... Estão batendo.

JOANA - Vê quem é.

VICENTE - Pode entrar.

## CENA II

Os mesmos e Dr. LIMA

Dr. LIMA - Ainda se lembram aqui do amigo velho?

JOANA - Ah! Meu senhor Dr. Lima. Há que anos!...

VICENTE - Sr. doutor!...

u-  
ia  
la

Dr. LIMA - Esqueceste que parti para Europa.

JOANA - Não esqueci, não... meu senhor. Ainda há pouco estava falando nisso.

em

Dr. LIMA - Cheguei hoje pelo paquete. Acabo de desembarcar. Que de Jorge?

do

JOANA - Saiu. Que alegria êle vai ter!... Mas como meu senhor acertou com a casa?

ou

Dr. LIMA - Custou-me!... Já andei por aí à matroca. Na Rua do Conde é que me ensinaram.

o-

VICENTE - O vizinho de defronte?

o

Dr. LIMA - Justamente! Mas eu estou reconhecendo esta figura...

JOANA - O ciganinho, pajem de meu senhor...

Dr. LIMA - Ah! O grande Bilro!

VICENTE - Vicente Romão, Sr. doutor.

Dr. LIMA - Como vais?... Que fazes?... Estás mais bem comportado?

por  
me

JOANA - É oficial de justiça.

Dr. LIMA - Escolheste um bom emprêgo, Bilro.

VICENTE - Vicente Romão, Sr. doutor. Mas então - V. Sa. acha?

Dr. LIMA - O que, homem?...

VICENTE - Bom o meu emprêgo?

Dr. LIMA - Decerto! Precisavas viver bem com a justiça.

lhô?

VICENTE - Peço vista para embargos, Sr. doutor; não tenho culpas no cartório.

!...

Dr. LIMA - Bem mostras que és do ofício!

VICENTE (à Joana.) - É preciso perder êsse mau costume de chamar a gente de ciganinho. Ouviu?!

José de Alencar \_\_\_\_\_

JOANA - Ai!... Começas outra vez com as tuas em páfias.

VICENTE - Que embirrância!...

Dr. LIMA - Que é isso lá? Assim é que festejam a minha chegada?

JOANA - É Bilro que...

VICENTE - Não é nada, Sr. doutor; V.S<sup>a</sup>. me dê as suas ordens.

Dr. LIMA - Vai me ver. Estou no Hotel da Europa.

VICENTE - Obrigado, Sr. doutor. Até mais ver, - tia Joana.

### CENA III

Dr. LIMA E JOANA

JOANA - Meu senhor não quer descansar?...

Dr. LIMA - Recosto-me aqui mesmo, neste sofá.

JOANA - Já almoçou, meu senhor? Aí tem café e leite.

Dr. LIMA - Ainda conservo os meus antigos hábitos. Às oito horas já estava almoçado.

JOANA - Quem sabe se meu senhor não quer tomar o seu banho?

Dr. LIMA - Não! Vem cá. Senta-te aí.

JOANA - Eu converso mesmo de pé com meu senhor.

Dr. LIMA - Como vai teu filho?... Já está um homem?

JOANA - Meu senhor!... Eu lhe peço de joelhos... Não diga êste nome!

Dr. LIMA - Pelo que vejo o mestério dura ainda!

JOANA - E há de durar sempre! Meu senhor me pro-

em

meteu.

Dr. LIMA - Prometi.

am

JOANA - Meu senhor jurou!

Dr. LIMA - É verdade! Mas julgava que na minha ausência tudo se havia de se revelar.

ê as

JOANA - Ele não sabe nada, e eu peço todos os dias a Deus que não lhe deixe nem suspeitar.

opa.

Dr. LIMA - Assim tu ainda passas por sua escrava?

, -

JOANA - Não passo, não! Sou escrava dêle.

Dr. LIMA - Mas Joana! Isto não é possível!

JOANA - Meu senhor... Eu já lhe disse!... E não cuide que por ter esta côr não hei de cumprir... No dia em que êle souber que eu sou... que eu sou... Nes se dia Joana vai rezar ao céu por seu nhonhô.

i.

Dr. LIMA - E por que razão hás de fazer uma tal loucura?

e lei

JOANA - Por quê?... Desde que nasceu ainda está para ser a primeira vez que se zangue comigo. E Vm. quer que se envergonhe... Que me aborreça talvez!... Meu Deus! Matai-me antes que eu veja essa desgraça!

ibi -

Dr. LIMA - És tu a culpada?

nar o

JOANA - Não sei, meu senhor, não sei. Às vezes penso... Quando fazem vinte e um anos eu senti o primeiro movimento dêle... de meu...

ior.

Dr. LIMA - De teu filho. Fala! Que receio é êsse?... Estamos sós.

n ho-

os...

JOANA - Vm. não sabe que mêdo tenho de dizer êste nome!... Até à noite quando rezo por êle baixinho... não me atrevo... Êle pode ouvir... Eu posso me acostumar...

nda!

pro-

Dr. LIMA - Mas dizias?

JOANA - Ah! Quando senti o primeiro movimento - que êle fêz no meu seio, tive uma alegria grande, como nunca pensei que uma escrava pudesse ter. Depois uma dor que só tornarei a ter se êle souber. Pois meu filho havia de ser escravo como eu? Eu havia de lhe dar a vida para que um dia quisesse mal à sua mãe? Deu-me vontade de morrer para que êle não nascesse... Mas isso era possível?... Não, Joana devia viver!

Dr. LIMA - Foi então que Soares te comprou...

JOANA - Êle me queria tanto bem! Deu por mim tudo quanto tinha... Dois contos de réis! Eu fui para sua casa. Aí meu nhonhô nasceu, e foi logo batizado como filho dêle, sem que ninguém soubesse quem era sua mãe.

Dr. LIMA - Desgraçadamente morreu poucos dias depois... Se eu soubesse então!...

JOANA - Mas meu senhor não sabia nada. Fui eu que lhe confessei...

Dr. LIMA - Porque já tinha suspeitado...

JOANA - E por isso só. Vm. era capaz de afirmar? Não! Quem lhe contou fui eu, com a condição de não dizer nunca!...

Dr. LIMA - Pois bem, Joana! Não direi uma palavra. Continuarás a ser escrava de teu filho. Será para êle a dor mais cruel quando souber...

JOANA - Nunca!... Quem vai lhe dizer?... Além de Vm. e de mim, só Deus sabe êste segredo. Enquanto meu senhor estava fora eu vivia descansada...

Dr. LIMA - E tinhas razão... Presente, vendo-te ao lado de Jorge, não respondo por mim.

JOANA - Meu senhor, Vm. teve sua mãe... Lembrese que dor a pobre havia de sentir se seu filho tivesse vergonha dela!... Não o faça desgraçado! E por causa de quem?... De mim que morreria por êle.

Dr. LIMA - Bem; prometo-lhe que hei de ter cora-  
gem! Virei raras vêzes aqui. Evitarei o mais que pu-  
der... com receio de me trair.

JOANA - É melhor. Até Vm. se habituar.

Dr. LIMA - Nunca me habituarei!... Tu não sabes  
como eu te admiro, Joana; e como dói-meno coração ver  
êsse martírio sublime a que te condenas.

JOANA - Eu vivo tão feliz, meu senhor!

Dr. LIMA - Mas que necessidade tinhas de ser es-  
crava ainda? Não podias estar fôrra?

JOANA - Eu, meu senhor?... Como?

Dr. LIMA - Com o dinheiro que tiravas do teu tra-  
balho, e gastavas na educação de teu filho.

JOANA - Nunca pensei nisso, meu senhor!... De-  
mais, fôrra, podiam-me deitar fora de casa, e eu não  
estaria mais junto dêle. A escrava não se despede.

Dr. LIMA - Mas... Estremeço só com esta idéia!

JOANA - Qual, meu senhor?

Dr. LIMA - Supõe que... te vendiam.

JOANA - Joana morreria; porém æ menos deixaria a  
êle aquilo que custasse... sempre era alguma coisa...  
Para um môço pobre!

Dr. LIMA - E eu hei de estar condenado a ouvir -  
Jorge agradecer-me a sua educação que êle deve únicamen-  
te a ti; a chamar-me seu segundo pai, ignorando que  
sua...

JOANA - Mais baixo!... Não se zangue, meu senhor!

Dr. LIMA - Sabes que mais! Vou-me embora. Vota-  
rei logo para abraçar Jorge, e não pisarei mais aqui.  
É uma tortura!

JOANA - Adeus, meu senhor! Não se agaste comigo.

Dr. LIMA - Não. Quem sabe se tu não tens razão!

JOANA - Deus dê muita felicidade a meu senhor Dr. Lima. (Abre a porta.)

CENA IV

Os mesmos e JORGE

JOANA - Ah!

Dr. LIMA - É êle?

JOANA - Nhonhô não conhece, não!... Sr. Dr. Lima!

Dr. LIMA - Jorge!

JORGE - Ah! doutor! Quando chegou?

Dr. LIMA - Hoje mesmo. É a minha primeira visita.

JORGE - E devia ser pelo bem que lhe queremos, eu e Joana. Venha sentar-se.

Dr. LIMA - Está um homem!

JOANA - Não é, meu senhor doutor?... É um môçobonito! Hi! Faz andar à roda a cabecinha dessas môçastodas.

JORGE - Se lhe der ouvidos, doutor, é um não acabar de elogios!... Mas há cinco anos que está ausente!

JOANA - Há de fazer pela Páscoa.

Dr. LIMA - É verdade. Deixei-o quase criança... Tinha dezesseis anos. Acabou os seus estudos naturalmente!

JORGE - Ainda não.

JOANA - É o melhor estudante. Não sou eu que digo!... São os mestres dêle.

Dr. LIMA - Sempre foi... Que profissão escolheu?

JORGE - Segui o seu conselho... Estudo medicina; estou no 5.º ano.



ão!

Dr. LIMA - E de fortuna... Como vamos?

r Dr.

JORGE - O necessário. As minhas lições...

Dr. LIMA - Ah! Dá lições? De que?

JORGE - De música e de francês.

Dr. LIMA - Lembro-me que tinha muita disposição para o piano. Cultivou essa arte?

JOANA - Toca que faz gosto!... Vm. há de ouvir.

Lima!

Dr. LIMA - Sem dúvida. E quanto lhe rendem as lições?

JORGE - Uns cem mil-réis por mês.

Dr. LIMA - É pouco.

sita.

JORGE - Faço também algumas traduções que deixam às vezes um extraordinário. Joana por seu lado ganha...

s,

JOANA - Quase nada, nhonhô! Já estou velha. Não coso mais de noite.

çobo  
asto

JORGE - Nem eu quero. Foi de passares as noites sobre costura que ias perdendo a vista.

aca  
ente!

Dr. LIMA - Faz bem em tratá-la com amizade, Jorge. É uma boa...

JOANA - Sou uma escrava como as outras.

JORGE - És uma amiga como poucas se encontram.

...  
ral-

JOANA - Ora, nhonhô!...

JORGE - Sabe, doutor! Creio que foi Deus que o enviou a esta casa.

di-

Dr. LIMA - Por que razão, Jorge?

heu?

JORGE - Eu lhe digo... Vem cá, Joana!... Mais - perto!... Quero contar-te uma história.

ina;

JOANA - Mas... Eu vou dar uma vista d'olhos lá dentro.

JORGE - Espera. (Toma-lhe a mão.)

JOANA - Que é isso, nhonhô? Já se viu... Que mo-  
dos?

JORGE - Olhe, doutor! Estou no meio de minha fa-  
mília. Meu segundo pai, minha segunda mãe! Não conhe-  
ci os outros.

Dr. LIMA - Jorge, meu amigo!

JOANA - Para que falar nestas coisas num dia de  
se estar alegre... Meu senhor doutor chegou... Nhonhô  
faz anos.

Dr. LIMA - É verdade!... É hoje 3 de fevereiro...

JORGE - Escolhi justamente êste dia para pagar-  
-te uma dívida. Quem foi testemunha da dedicação, dou-  
tor, verá o reconhecimento.

JOANA - Nhonhô, me dê licença!

JORGE - Toma, Joana. Eu escrevi-a esta manhã lem-  
brando-me de minha mãe.

Dr. LIMA - Muito bem, Jorge. Deus o inspirou!

JOANA - Mas o quê... Que papel é êste, nhonhô?

Dr. LIMA - É a tua carta de liberdade, Joana!

JOANA - Não quero! Não preciso!

JORGE - Não é tua carta de liberdade, não, mi-  
nha boa Joana; porque eu nunca te considereei minha es-  
crava. É apenas um título para que não te envergonhes  
mais nunca da afeição que me tens.

JOANA - Mas eu não deixarei a meu nhonhô?

JORGE - A menos que tu não o exijas.

JOANA - Eu!... Que lembrança!

Dr. LIMA - Não faz idéia do quanto me comove es-  
ta cena.

JORGE - As nossas almas se compreendem, doutor.

Guarda, Joana, êste papel...

e mo

JOANA - Por que nhonhô mesmo não guarda?

a fa  
onhe

JORGE - De modo algum. Êle te pertence, manda-o registrar em um tabelião.

Dr. LIMA - Ê prudente.

de  
onhô

JORGE - Há muito tempo, doutor, que tencionava realizar êste pensamento. Mas tinha tomado algum dinheiro com hipoteca...

Dr. LIMA - Com hipoteca!... Sobre Joana?

iro...

JOANA - Que mal fazia?

gar-  
dou

JORGE - Conheço que fui imprudente, mas a necessidade urgia.

Dr. LIMA - Não o censuro, Jorge! O senhor não sabia...

âlem

JORGE - O que, doutor?

u!

Dr. LIMA - Não sabia... Quanto êsses empréstimos são perigosos!...

hô?

JORGE - Felizmente já não sou devedor... Nem ao homem que me emprestou... Nem à minha consciência que me ordenava desse a Joana essa pequena prova da estima que lhe tenho. Resta-me ainda uma dívida... Dívida de amizade e gratidão que nunca poderei pagar.

mi -  
ha es  
onhes

Dr. LIMA - A ela!... Por certo que nunca!

JOANA - A meu senhor!... A mim não. (Batem.)

#### CENA V

Os mesmos e GOMES

e es

JOANA - Sr. Gomes!

JORGE - Tenha a bondade de entrar.

tor.

GOMES - Desculpe se o incomodo, meu vizinho!

JORGE - Ao contrário, dá-me muito prazer... Por que não se senta?

Dr. LIMA (a Joana) - Agora podes ficar tranqüila! Terei forças de calar-me.

JOANA - Meu senhor,,. Não toque nisto... agora.

Dr. LIMA - Que tem?... Não nos ouvem.

JOANA - Fale mais baixo!... Pelo amor de Deus!

JORGE (a Gomes) - Hoje me pareceu incomodado?

GOMES - Estou bom!

JORGE - Mas ainda o acho pálido.

GOMES - Não é nada!

JORGE - Ainda bem! Quero apresentar-lhe a um amigo que chegou-nos hoje de repente... Devo-lhe mais que a existência, devo-lhe a educação.

GOMES - Como?... Perdão! estava distraído!...Que dizia?

JORGE - Que desejava apresentar-lhe um amigo.

GOMES - Ah! Com muito gosto.

JORGE - Dr. Lima!... O senhor estimará fazer o conhecimento de uma pessoa que todos respeitam pela sua honradez... O Sr. Gomes... Empregado público.

Dr. LIMA - Estimo muito!... Um médico pobre, sem clínica, que esteve cinco anos fora do seu país, de pouco presta, mas pode contar...

GOMES - Obrigado, Sr. doutor. (A Jorge) Porém eu desejava falar-lhe particular.

JORGE - Por que não disse?...

Dr. LIMA - Neste caso eu me retiro.

GOMES - Não é preciso! Não! Eu voltarei depois.

JORGE - Para que ter esse trabalho?... O doutor

Por pode entrar um momento.

Dr. LIMA - Decerto! Vou ver a casa. Anda, Joana. Vem mostrar-me os teus arranjos.

## CENA VI

## GOMES E JORGE

GOMES - Não incomode seu amigo. Voltarei depois.

JORGE - Ora, Sr. Gomes, não é incômodo. Estou à sua disposição.

GOMES - É verdade que o negócio de que lhe pretendia falar é urgente... mas...

JORGE - Pois então, não há necessidade de adiá-lo.

GOMES - Talvez o senhor estranhe... O passo é impróprio, eu conheço...

JORGE - Fale com franqueza.

GOMES - Não! Temo abusar... Agradeço-lhe a sua atenção... Outra vez conversaremos. Hoje mesmo... Logo mais.

JORGE - O Sr. Gomes tem alguma coisa que o inquieta; creia que se estiver nas minhas mãos servi-lo...

GOMES - É engano seu!... Não tenho nada.

JORGE - Talvez algum embaraço... Sim! Isto não depende de nós... Pode acontecer a qualquer... De repente precisamos de algum... dinheiro...

GOMES - Sr. Jorge! Não vim pedir-lhe dinheiro em prestado! Não é meu costume.

JORGE - Perdão, Sr. Gomes! Não tive intenção de ofendê-lo. Estimo-o e respeito-o muito....

GOMES - Faço justiça às suas intenções... Mas -

creia... Se me visse reduzido a essas circunstâncias preferiria morrer de fome a tirar esmolas.

JORGE - A palavra é dura! Recorrer a um amigo - não é mendigar.

GOMES - Não; mas pedir quando não se pode e não se espera pagar... é mais que mendigar... É abusar da confiança; é roubar... Bem vê que não seria capaz.

JORGE - Mas o Sr. Gomes não está nessas circunstâncias.

GOMES - Não devo tomar-lhe o tempo com os meus negócios. O objeto sôbre que desejava falar-lhe... é muito diferente.

JORGE - Pois eu o escuto.

GOMES - Não! Preciso refletir ainda.

JORGE - Mas não poderei saber?...

GOMES - É escusado... Permita-me!

JORGE - Como quiser.

GOMES - Passe bem!

#### CENA VII

JORGE, Dr. LIMA E JOANA

Dr. LIMA - Já foi o seu amigo?

JORGE - Já, doutor.

Dr. LIMA - Examinou-o bem?... Êle tem alguma coisa. Não está no seu estado normal.

JORGE - Assim me pareceu.

Dr. LIMA - Aconselhe-lhe que se trate.

JORGE - Hei de procurá-lo daqui a pouco. Ê nosso vizinho; mora no primeiro andar... Julgo que tem sofrido desarranjos nos seus negócios.

bém a Joana.

Dr. LIMA - É verdade.

JORGE (A Joana) - Vai! Olha que o doutor chega da Europa onde se cozinha perfeitamente. Hás de deitar três talheres.

JOANA - Nhonhô espera mais alguém?

JORGE - Quantos somos nós?

JOANA - Nhonhô!... Logo não vê!... Joana sentar-se na mesa com seu senhor!... Credo!

JORGE - Já te disse, Joana!... Aqui não há nem senhor, nem escrava... Se me tornas a falr assim, ra lho contigo.

JOANA - Será a primeira vez.

JORGE - E quem terá a culpa?... Anda! Quem desembarca precisa jantar cedo.

Dr. LIMA - Mas, decididamente, Jorge, não posso.

JORGE - Sério, doutor?

Dr. LIMA - Se lhe recuso isto, é que tenho moti vo forte.

JORGE - Neste caso não insisto. (Escreve.)

Dr. LIMA - Outro dia! Breve... Hoje deitarás apenas dois talheres, Joana; um para Jorge e outro pa ra ti.

JOANA - Não lembre mais isto, meu senhor!

JORGE - Não acha que deve ser assim?

Dr. LIMA - Decerto. (Baixo a Joana) Senão, fico.

JOANA - Está bom... Será como Vm. quiser.

Dr. LIMA - E no jantar hão de beber duas saúdes.

JORGE - À sua, doutor.

Dr. LIMA - À minha sim, mas em primeiro lugar à

de sua mãe.

JORGE - E à de Joana.

ga  
ei-

Dr. LIMA - Também!

JORGE - Joana, escuta. Permite, doutor?

Dr. LIMA - Pois não!

JORGE - Leve esta carta a D. Elisa.

tar

JOANA - A iaiá?... Dê cá, nhonhô.

JORGE - Não!... Melhor é que eu não lhe escreva.

nem

JOANA - Que tem isso agora?

ra

JORGE - Ela pode ofender-se!... Desce e procura saber que tem seu pai.

JOANA - Sim, nhonhô!... Vou já.

sem

JORGE - Não te demores!

ssó.

JOANA - Meu senhor doutor ainda fica?

Dr. LIMA - Não. Também vou.

oti

JORGE - Espere um momento.

JOANA - Sr. doutor tem que fazer, nhonhô.

JORGE - Vai, Joana.

a-

Dr. LIMA - Adeus, Basta de maçada.

pa

#### CENA VIII

Dr. LIMA E JORGE

ico,

JORGE - Que pressa é essa, doutor? Sente-se.

Dr. LIMA - Teremos muitas ocasiões de conversar.

les.

JORGE - Sem dúvida; mas estou impaciente por saber de sua boca o nome de minha mãe.

à

Dr. LIMA - De... sua mãe?

JORGE - Sim, doutor.



Dr. LIMA - Também eu o ignoro, Jorge.

JORGE - Mas, doutor, eu fui criado em sua casa. Devo-lhe a educação...

Dr. LIMA - Pela última vez lhe digo, Jorge... Nada me deve... Nada absolutamente!

JORGE - Ora, doutor!...

Dr. LIMA - Dou-lhe minha palavra, e sabe que - nunca a dou de balde.

JORGE - Creio, doutor.

Dr. LIMA - Pois dou-lhe minha palavra que nunca despendi um real com a sua educação... Quando o quisesse, não podia... Sou pobre!

JORGE - Mas então quem pagava as despesas que eu fazia?

Dr. LIMA - Sua mãe.

JORGE - E a ocultam de mim!

Dr. LIMA - Não a conheci... Escute, Jorge. Todo o segredo do seu nascimento é este.

JORGE - Fale, doutor.

Dr. LIMA - Uma noite fui chamado a tóda a pressa para ver meu amigo Soares...

JORGE - Meu pai!

Dr. LIMA - Quando cheguei, seu pai já estava moribundo. Apenas me viu, estendeu-me a mão, balbuciando estas palavras: "Meu filho... sua mãe..." E expirou.

JORGE - E nada mais?

Dr. LIMA - Nada mais. Trouxe-o para minha casa, onde Joana o criou.

JORGE - Joana; a única herança de meu pai!

Dr. LIMA - A única!... É verdade.

JORGE - Também ela ignora!... Mas doutor, não me disse como êsses suprimentos se faziam.

Dr. LIMA - De uma maneira muito simples. Quando o senhor precisava de roupa, livros ou qualquer objeto, vinham trazê-lo à casa.

JORGE - Quem?

Dr. LIMA - Caixeiros... alfaiates...

JORGE - E nunca lhe disseram?

Dr. LIMA - Se êles não sabiam?

JORGE - Assim estou condenado a ignorar sempre o nome de minha mãe.

Dr. LIMA - Não se ocupe com isto!... Algum dia, quando menos esperar, há de saber. Continue a portar-se como homem de bem, e deixe o mais à Providência.

JORGE - Mas é triste, doutor.

Dr. LIMA - Quem sabe?... Quantas vêzes êsse mistério não é uma felicidade.

JORGE - Não o percebo.

Dr. LIMA - Quantas vêzes a revelação não perturba as relações de pessoas que se estimam, e não acarreta sobre elas o opróbrio e a desonra...

JORGE - É possível?... Sacrificar-se o filho ao egoísmo...

Dr. LIMA - Não acuse, Jorge.

JORGE - Tem razão, doutor.

Dr. LIMA - Já se viram pais que se ocultaram para não envergonhar os filhos do seu nascimento.

JORGE - Não diga isto, doutor!... Um filho nunca se pode envergonhar de seu pai!

Dr. LIMA - Mas suponha que êle teve a desgraça de sofrer uma condenação... Que tornou-se indigno...

JORGE - Nem assim! Não há motivo que justifique semelhante ingratitude.

Dr. LIMA - Nem um?...

JORGE - Nem um, doutor! Se pois é essa a razão...

Dr. LIMA - Que lembrança!... Foi apenas uma suposição... Já lhe disse quanto sabia.

JORGE - Dá-me a sua palavra?

Dr. LIMA - Jorge, não se esteja a afligir com estas coisas, que no fim de contas nenhuma influência têm sobre a vida... Adeus. É tarde.

JORGE - Estou convencido agora de que sabe mais do que disse.

Dr. LIMA - Engana-se.

JORGE - Por que não me dá a sua palavra?

Dr. LIMA - Não vale a pena.

#### CENA IX

Os mesmos e JOANA

JOANA - Ainda está aqui, meu senhor?

Dr. LIMA - Esperava que chegasses.

JORGE - Então, Joana?

JOANA - Já fui, nhonhô.

Dr. LIMA - Meu amigo, o senhor tem que conversar com Joana. Deixo-o. Até amanhã.

JORGE - Até amanhã, doutor. Hei de procurá-lo.

Dr. LIMA - Já lhe disse onde estou... Hotel...

JORGE - Da Europa.

Dr. LIMA - Justo! Mas não sei se ficarei lá. É caro para os pobres.

que

JOANA - Ora, meu senhor andou viajando.

io...

Dr. LIMA - É o que tu pensas!... Gasta-se por lá metade do que é necessário para viver aqui modestamente.

su-

JORGE - Reflita no que lhe disse, Faz mal em ocultar-me.

com

Dr. LIMA - Não pense mais nisso.

l---

## CENA X

tis

## JORGE E JOANA

JOANA - O que é que o Sr. doutor não quer dizer a nhonhô?

JORGE - Uma coisa que não te interessa.

JOANA - Nhonhô não quer que Joana saiba seus segredos... Não pergunto mais.

JORGE - Não é por isso.

JOANA - Deve ser assim mesmo, nhonhô... Quem é esta pobre mulata para que Vm. lhe conte sua vida!

JORGE - Está bom, Joana! Eu te digo... Perguntei ao doutor quem era minha mãe.

JOANA - Ah! E êle?...

JORGE - Respondeu o mesmo que tu. Mas que soubes te de Elisa?

JOANA - De iaiá D. Elisa...

JORGE - Já não te lembras?

JOANA - Lembro, lembro, nhonhô!... Ela está muito triste; porém não quis dizer porquê.

É

JORGE - E seu pai?

JOANA - Sr. Gomes saiu. Iaiá perguntou se Vm. estava em casa... Talvez ela queira falar com nhonhô.

JORGE - Vou vê-la.

JOANA - Vá, nhonhô. Como ela há de ficar conten-  
te!

JORGE - Estás com as tuas idéias.

JOANA - Pois então, nhonhô!... Aonde é que se  
viu um parzinho mais igual.

JORGE - Achas que sim?

JOANA - E não sou eu só!... Quando nhonhô des-  
cer, cerra a porta. Eu vou enxaguar uma roupa lá den-  
tro, pode alguém entrar.

CENA XI

JORGE E ELISA

JORGE - Elisa!

ELISA - Não me leve a mal, Sr. Jorge.

JORGE - O que, Elisa?

ELISA - Êste passo que dei... Se soubesse!

JORGE - Conte-me!... Que sucedeu a seu pai?

ELISA - Uma desgraça!... Êle não estêve aqui?

JORGE - Há pouco... bastante perturbado...E não  
me disse o motivo por que me procurava.

ELISA - Faltou-lhe a coragem... Meu pobre pai!

JORGE - O que foi?... A que vinha êle?

ELISA - Vinha... Vinha pedir-lhe emprestado...  
Oh! como lhe custou!

JORGE - Mas... por que repeliu o oferecimento -  
que lhe fiz...

ELISA - Teve vergonha de aceitá-lo... E, entre-  
tanto, era para salvar a sua vida!...

conten

JORGE - A vida de seu pai! Como, meu Deus!... E lisa! explique-me o que se passa...

e se

ELISA - Estou tão aflita... Nem posso falar... Desculpe, Sr. Jorge!...

JORGE - Descanse um pouco!

ELISA - Não desço já. Não devo me demorar aqui!

des -  
lá den

JORGE - Tem receio... Não está em sua casa? Esqueceu-se!

ELISA - Se não tivesse tanta confiança no senhor, subiria aqui?... morreria antes. Veria morrer meu pai! Mas não teria ânimo...

JORGE - Diga-me... O que houve?

ELISA - Meu pai vendeu tudo quanto tinha para pagar as suas dívidas...

JORGE - Sossegue! Não lhe faltará o necessário.

ELISA - Oh! Se fôsse isto!... Eu posso trabalhar... Mas uma coisa horrível, uma calúnia... Dizem que meu pai falsificou uma letra!

!

JORGE - Ah!

i?

ELISA - Meu pai, o homem mais honrado...

lui?

.E não

JORGE - Incapaz de semelhante ação.

pai!

ELISA - Teme ser condenada... Diz que não pode resistir à vergonha... Quer matar-se!

JORGE - Que loucura!

lo...

ELISA - Mas êle o fará! Olhe!

nto -

JORGE - O que é isto, Elisa?

ntre-

ELISA - Veneno, Sr. Jorge... Veneno que meu pai trazia consigo, porque há muitos dias essa idéia o persegue.

JORGE - Dê-me êste vidro. Eu falarei a seu pai.

ELISA - Não lhe fale, não!... Ele se irritaria... sem mudar de tenção. Já supliquei de joelhos!

JORGE - Então confessou-lhe...

ELISA - Tudo... E disse-me que se não tivesse - fôrça, para lutar contra a desgraça, ainda aí ficaria bastante... para mim!

JORGE - Cale-se, Elisa.

ELISA - "É a única herança de teu pai" - me disse se ele chorando.

JORGE - Está louco!...

ELISA - Não, Sr. Jorge! Ele tem razão! Devemos morrer juntos!

JORGE - Havemos de viver juntos, Elisa. Porque juro que salvarei seu pai. Mas preciso vê-lo.

ELISA - Não lhe diga que lhe contei...

JORGE - Como saberei as circunstâncias do fato que lhe imputam?

ELISA - Ele mesmo nada sabe... senão que um homem o procurou há pouco e ameaçou-o de entregar a letra falsificada à polícia, se lhe não pagasse hoje - às cinco horas da tarde!

JORGE - Em quanto monta essa letra?

ELISA - Em 500\$000.

JORGE - E paga ela, seu pai está salvo?

ELISA - Da desonra... e da morte... sim!

JORGE - Não tenho agora essa quantia... Mas prometo arranjar-la, Elisa.

ELISA - Não, não consinto, Sr. Jorge! Não era isso que lhe vinha pedir...

JORGE - Qualquer estranho o faria para salvar a vida de seu semelhante.

taria... ELISA - Eu não lhe devia ter dito!... Mas a idéia de ver morrer meu pai!

esse - JORGE - Elisa!... Repila essa idéia!... Confie  
fica - em Deus!

ELISA - Em Deus e no senhor!... Quem tenho eu mais na terra, além de meu pai?

JORGE - Preciso sair... Daqui a uma hora voltarei! Hei de salvá-lo!

ELISA - Vou com essa esperança!....

## CENA XII

## JORGE E JOANA

JORGE - Quinhentos mil-réis!...

JOANA - O que é, nhonhô?

JORGE - Deixa-me!...

JOANA - Meu Deus!... Perdão!... Que lhe fiz eu, nhonhô?

JORGE - Nada.

JOANA - Contaram-lhe alguma coisa!... Não acredite!...

JORGE - Em que?

JOANA - Não acredite no que lhe disseram.

JORGE - E tu sabes o que me disseram?

JOANA - Não!... não sei... Mas não é verdade!...  
Eu lhe juro, nhonhô.

JORGE - Não te entendo, Joana! Perdeste a cabeça?

JOANA - Mas... Que tem nhonhô então?

JORGE - Estou desesperado!

JOANA - Por quê?



José de Alencar

---

JORGE - Preciso de dinheiro... e não sei como hei  
de obtê-lo. (Sai.)

JOANA - Ah!

---

cia  
dei  
hav  
es

qui  
dei

há

nho

fat

no hei

## ATO TERCEIRO

Em casa de JORGE. A mesma sala.

## CENA PRIMEIRA

## JORGE E JOANA

JORGE - O doutor não veio?...

JOANA - Depois que nhonhô saiu?... Não!

JORGE - Já não sei o que faça!

JOANA - Nhonhô não achou o dinheiro de que precisa?

JORGE - Qual!... Fui ao doutor, não estava... - Deixei-lhe uma carta. Procurei um homem que me costumava emprestar às vezes... Exige penhor... Que posso eu dar?... Só tenho esta mobília!

JOANA - Mas a casa há de ficar sem trastes?

JORGE - Que remédio, Joana!... Prometeu vir daqui a pouco avaliar... Quanto poderão valer essas ca<sub>de</sub>deiras?... Uma bagatela... cem mil-réis?

JOANA - Valem muito mais!...

JORGE - O meu relógio deu-me apenas cinquenta!

JOANA - Nhonhô foi empenhar o seu relógio?...

JORGE - Que havia de fazer?

JOANA - Jesus!... Que pena!... Mas Sr. doutor já há de ter recebido a carta... Não deve tardar por aí.

JORGE - É a minha única esperança.

JOANA - Enquanto êle não chega, venha jantar, - nhonhô; são mais de três horas.

JORGE - Não quero jantar agora, Joana... Estou fatigado... inquieto... Depois.

JOANA - Almoçou tão pouco!

JORGE - Almocei como de costume. Não tenho disposição.

JOANA - Nhonhô não se agasta se eu lhe perguntar uma coisa?...

JORGE - Podes perguntar.

JOANA - Não é só para saber, não... É que talvez Joana possa remediar... Esse dinheiro de que nhonhô - precisa para que é?

JORGE - Se o segredo me pertencesse, eu to diria.

JOANA - Ah! É um segredo... Mas precis mesmo?...

JORGE - Daria metade da minha vida para obtê-lo.

JOANA - Pois então, nhonhô, fique descansado! Tudo se há de arranjar.

JORGE - Como, Joana?... Por que meio?

## CENA II

Os mesmos e Dr. LIMA

JORGE - Ah! É o doutor...

JOANA - Ele mesmo!...

Dr. LIMA - Apenas recebi a sua carta, meti-me - num tálburi e aqui estou. Que temos?

JORGE - Creia, doutor, que só uma circunstância - extraordinária me obrigaria a recorrer à sua amizade.

Dr. LIMA - Nada de preâmbulos, meu amigo. Eu o conheço. Em que lhe posso servir?

JORGE - Preciso, doutor...

Dr. LIMA - De quê? Não se vexe!

JORGE - Talvez repare...

Dr. LIMA - Precisa de dinheiro... Não é?

JORGE - É verdade.

Dr. LIMA - De quanto?

JORGE - De quinhentos mil-réis... Reconheço que é uma quantia avultada.

Dr. LIMA - Até aí chegam as minhas fôrças. Amanhã lhos trarei.

JORGE - Amanhã?

Dr. LIMA - Apenas tire o meu fato da alfândega.

JOANA - Ora, bravo... Está tudo arranjado. Eu bem sabia que meu senhor Dr. Lima era um amigo de mão cheia.

JORGE - Mas eu preciso para hoje às quatro horas sem falta.

Dr. LIMA - Eis o que é impossível. Três e dez... A alfândega está fechada... os meus papéis estão na mala... A ninguém conheço... Entretanto vou tentar.

JORGE - Inda mais incômodo!... Com efeito, o senhor deve fazer bem triste idéia de mim!

Dr. LIMA - Jorge!... Não me ofenda!

JORGE - Parece que o estava esperando para importuná-lo... Mas quando souber o motivo me desculpará.

Dr. LIMA - Não quero que mo declare; sei que é honroso, e isto basta-me.

JORGE - Muito obrigado!

Dr. LIMA - Não percamos tempo. Se não estiver aqui às quatro horas, é que nada consegui.

### CENA III

#### JORGE E JOANA

JORGE - Está acabado!... Morrerei também!

JOANA - Nhonhô! Não diga isso!... Há de ter êsse dinheiro.

JORGE - A última esperança foi-se!

JOANA - Ainda não, nhonhô! Não é de quinhentos mil-réis que precisa?

JORGE - Onde irei eu achá-los?

JOANA - Mas... sua mulata assim mesmo velha, ain da vale mais do que isso.

JORGE - Que queres dizer, Joana?

JOANA - Nhonhô não me deu êste papel?... Eu não careço dêle!

JORGE - A tua carta!... Estás louca?

JOANA - Ouça, nhonhô...

JORGE - Não quero ouvir nada.

JOANA - Mas nhonhô prometeu dar êsse dinheiro.

JORGE - Prometi.

JOANA - Então! Há de faltar à sua palavra... E falar em morrer...

JORGE - Queres que para evitar um mal, cometa um crime?... Que roube a liberdade que te dei?...

JOANA - Nhonhô não rouba nada!... Eu é que não quero... Não pedi!...

JORGE - Que importa?... O que dei não me pertence.

JOANA - Pois eu não aceito! Veja...

JORGE - Que vais fazer?

JOANA - Nhonhô não há de obrigar... Não sou fôrra!... Não quero ser!... Não quero!... Sou escrava de meu senhor!... E êle não há de padecer necessidades!... Tinha que ver agora uma mulher em casa sem fazer nada, sem prestar para coisa alguma... E meu nhonhô triste

e agoniado.

JORGE - Não recebo o teu sacrifício. É escusado. Depois, de que me serviria isto?

JOANA - Mas vem cá, nhonhô... Vm. não disse esta manhã que há muito tempo me queria forrar?

JORGE - E disse a verdade.

JOANA - Quem duvida?... Mas não forrou porque tinha pedido um dinheiro emprestado com.. Não sei como se chama.

JORGE - Com hipoteca?

JOANA - Isso mesmo!... Pois que custa nhonhô pedir outra vez êsse dinheiro emprestado?

JORGE - Tu já não és minha escrava.

JOANA - O que sou eu então!... Nhonhô não quer mais... Não presto para nada... Paciência!

JORGE - Estás fôrra.

JOANA - Mas eu rasguei o papel.

JORGE - É indiferente. Eu o escrevi.

JOANA - Que tinha que fizesse isto? Amanhã, Sr. Dr. Lima trazia o dinheiro, e estava tudo direito.

JORGE - Vê quem está batendo. Deve ser o Peixoto.

JOANA - Mas então, nhonhô?

JORGE - Abre a porta.

#### CENA IV

Os mesmos e ELISA

JOANA - Iaiá D. Elisa!

ELISA - Sr. Jorge. (Joana afasta-se)

JORGE - Nada obtive ainda, Elisa.

ELISA - Meu Deus!... Êle já me perguntou pelo vi  
dro!... Eu lhe respondi... Nem sei o que lhe respon-  
di!... São mais de três horas...

JORGE - Não desespere, Elisa! Ainda temos tempo.  
Vá fazer-lhe companhia. Não o deixe.

ELISA - Oh! se as minhas lágrimas o salvassem!

JORGE - Em último caso, se nada conseguir, irei  
ter com êle... Não o deixarei realizar o projeto que  
medita.

ELISA - Mas ficará desonrado... Acusado de falsi-  
ficador, será demitido... Cuida que resistirá?

JORGE - Procuremos salvar-lhe a honra... Se não  
fôr possível de duas desgraças a menor... a que ainda  
pode ser reparada!

ELISA - Conto com o senhor!... Não nos abandone,  
Sr. Jorge.

JORGE - Vá descansada! Talvez mais cedo do que -  
penso eu possa levar-lhe uma boa notícia!... Se hou-  
ver alguma coisa de novo, venha me dizer!...

JOANA - Que tem iaiá que está tão triste?

ELISA - Logo te direi, Joana.

JOANA - Sua mulata de nada serve, mas...

ELISA - Sei quanto és boa! Porém não me podes va  
ler.

JOANA - Quem sabe, iaiá?

#### CENA V

#### JORGE E JOANA

JORGE - Joana!... Aceito o sacrifício que me fa-  
zes!...

JOANA - Qual sacrifício!... Isso é o que nhonhô  
devia ter feito logo. Já estava livre de cuidados.

JORGE - Não o aceitaria nunca se não fôsse para o fim que é... Para salvar a vida de um homem... de um pai!

JOANA - Do Sr. Gomes?

JORGE - Sim, do pai de Elisa.

JOANA - Por isso é que iaiá está com os olhos vermelhos de chorar!... Pois nhonhô sabia e recusa - va!...

JORGE - Nem imaginas quanto me custa!... Há muito tempo não tenho uma tão grande satisfação como a que senti hoje dando-te a liberdade, Joana! Nunca o dinheiro ganho pelo trabalho honesto me inspirou tão nobre e tão justo orgulho!... E destruir agora a minha obra!... Ah! Elisa não sabe que fel me fazer traçar as suas lágrimas!

JOANA - Está bom, nhonhô, não esteje triste!... Tudo vai se arranjar... daqui a uma semana, se tanto, que festa não há de haver nesta casa!

JORGE - Se eu já tiver restituído o que hoje confias de mim com tanta generosidade. Antes disso juro que não gastarei senão o que fôr absolutamente necessário para viver.

JOANA - E por que agora nhonhô há de se privar do que precisar?

JORGE - O devedor que assim não procede, rouba - ao seu credor. E se houve dívida sagrada no mundo é esta que vou contrair contigo.

JOANA - Não vejo nada de maior.

JORGE - Aumentas o sacrifício, diminuindo-lhe o valor.

JOANA - Nhonhô hoje não está bom, não! Tão cheio de partes!...

JORGE - Será o doutor?



CENA VI

Os mesmos e PEIXOTO

PEIXOTO - Com licença!

JORGE - Ah!... Faz obséquio de sentar-se?

PEIXOTO - Tardei um pouco. Tive que fazer.

JOANA - É o homem dos trastes, rnhonhô?

JORGE - E o doutor nada!

JOANA - Não achou.

PEIXOTO - Vamos a isso! Falu-me na sua mobília. É esta?

JORGE - Sim, senhor. Tenho também alguns trastes na varanda.

PEIXOTO - Jacarandá... Mais de meio uso.

JOANA - Quase nova, meu senhor...

PEIXOTO - Tem alguns dois anos de serviço.

JOANA - Jesus!... Nem dois meses!

PEIXOTO - Então foi comprada em leilão. Não há que fiar agora. Imaginem trastes velhos por novos... Lixa e verniz... Não custa.

JORGE - Mas quanto dá o senhor?

PEIXOTO - Por isto que aqui está... Último preço oitenta mil-réis. Não vale mais.

JORGE - Oitenta só?

PEIXOTO - Só. E não é pouco.

JOANA - Ora, meu senhor! Mais do que isto custou o sofá.

PEIXOTO - Pode ser. Não dou mais.

JORGE - E pela minha cama?... É de mogno maciço.

PEIXOTO - Vejamos. (Entra na alcova.)

JOANA - Mas nhonhô há de ficar sem a sua cama? Isso não tem jeito nenhum.

JORGE - Comprarei outra depois.

JOANA - Melhor é fazer o que lhe disse, nhonhô.

JORGE - Deixa ver... Talvez não seja preciso.

PEIXOTO - A cama e a mobília da sala... Fica tu do por cento e vinte mil-réis. Tem mais alguma coisa?

JOANA - Tem, sim, meu senhor!... Tem esta escrava! Quanto acha Vm. que ela vale?

PEIXOTO - Ah! Isto é outro caso!... (A Jorge) - Quer renovar a hipoteca sôbre ela?

JOANA - Quer... Ele quer... Pois já não disse?...

PEIXOTO - Não ouvi! Então fica sem efeito o negócio dos trastes?

JOANA - Fica, meu senhor!... Não é, nhonhô?

JORGE - Não sei.

PEIXOTO - Em que ficamos?

JOANA - Devem ser quatro horas!

JORGE - Quatro horas!?... Que decide, senhor?

PEIXOTO - Sôbre a mulata?

JORGE - Sim!

PEIXOTO - Dou-lhe sôbre ela trezentos mil-réis.

JORGE - Como, senhor?!... Não estava hipotecada por seiscentos mil-réis que acabei de pagar hoje?

PEIXOTO - Foi em outro tempo! Hoje está velha.

JOANA - Eu velha, meu senhor!... Mal tenho trinta e sete anos... Depois não sou qualquer mulatinha como essas preguiçosas que não entendem de outra coisa senão de estar na janela!... Eu sei pentear e ves

tir uma môça que faz gôsto, Melhor do que muita muca ma de fama.

PEIXOTO - Não tenho filhas.

JOANA - Mas eu também sei coser, lavar, engomar. Que pensa meu senhor?... Onde me vê, não é por me gabar... Dou conta do arranjo de uma casa... Varro, arrumo tudo, cozinho, ponho a mesa; e ainda me fica tempo para fazer as minhas costuras, remendar os panos de prato, arear as panelas... Pergunte a nhonhô!

JORGE - Joana, eu te peço!

JOANA - Olhe, meu senhor! Dê quinhentos mil-réis, que não se há de arrepender!... Dê sem susto, porque o mais tarde, o mais tarde, amanhã meu nhonhô vai lhe pagar.

PEIXOTO - Não posso. Tu não estás segura...

JOANA - Eu não preciso, meu senhor!... Prometo a Vm. que não morro!... Não é capaz!... Tenho vida para cem anos, Vm. não conhece esta mulata, não. Seguro... Isto é para a gente de hoje!...

JORGE - Escuta, Joana.

JOANA - Nhonhô espere... Então Vm. não dá os quinhentos mil-réis?

PEIXOTO - Veremos: veremos! Conforme as condições que teu senhor aceitar.

JOANA - Logo vi que Vm. havia de chegar... Porque olhe!... Também por menos, estava bem livre!... - O que é, nhonhô?

JORGE (a meia voz) = Deixa-nos a sós. Quero tratar com êste homem.

JOANA - E que tem que eu esteja aqui, nhonhô?

JORGE - Em tua presença nunca poderei.

JOANA - Pois eu vou. Não se arrpenda, nhonhô. D. Iaiá Elisa está esperando... Coitadinha!...

## CENA VII

## JORGE E PEIXOTO

PEIXOTO - Está disposto a efetuar o negócio?

JORGE - Por quinhentos mil-réis dados imediatamente.

PEIXOTO - Já vejo que nada fazemos.

JORGE - O senhor supõe que estou, como certas - pessoas com quem trata, procurando rodeios para tirar -lhe a maior soma possível. Engana-te.

PEIXOTO - Não suponho tal.

JORGE - Tenho urgente necessidade de quinhentos mil-réis, hoje, dentro de meia hora. Desde que não é possível obter esta quantia, o negócio não me convém. E não sei, Sr. Peixoto, se deva agradecer-lhe.

PEIXOTO - Então precisa de quinhentos mil-réis?

JORGE - Justos.

PEIXOTO - Pois não seja esta a dificuldade. Dou -lhe êsse dinheiro sôbre a escrava.

JORGE - Já?

PEIXOTO - Não o trago aqui, mas vou buscá-lo... num instante... Isto é, eu ainda não examinei a pe - ça... mas podemos terminar isto.

JORGE - Que é preciso fazer?... Ir a um tabeli - ão...

PEIXOTO - Levaria muito tempo. Distribuir a es - critura... pagar sêlo... Nem amanhã se concluiria.

JORGE - Mas eu preciso hoje.

PEIXOTO - Há meio de remediar tudo. Faça um pe - nhor!

JORGE - Para que o senhor a leve?

PEIXOTO - Um simples escrito, e está o negócio arranjado.

JORGE - Isso de maneira alguma! Pensei que era o contrato que já fizemos! Joana hipotecada ao senhor, mas sempre em minha casa.

PEIXOTO - Dêste modo nem é possível, nem eu lhe daria os quinhentos mil-réis. Devo lucrar os serviços.

JORGE - Por algumas horas... Pois amnhã...

PEIXOTO - Lá isso não sei... Pode ser por meses.

JORGE - Não tenho ânimo de separá-la de mim, de tirá-la de casa!

PEIXOTO - Pois resolva-se!... Vou ao escritório buscar o dinheiro. Daqui a cinco minutos venho saber a resposta.

JORGE - É escusado... Para que se incomodar?

PEIXOTO - Tenho um negócio para estas bandas. Até já.

#### CENA VIII

#### JORGE E JOANA

JOANA - Arranjou-se tudo, nhonhô! Não foi?

JORGE - Não fiz nada; estou na mesma.

JOANA - O homem teimou em não dar os quinhentos mil-réis?

JORGE - Dava: mas com uma condição que não quis... que não devia aceitar.

JOANA - Qual, nhonhô?

JORGE - Não entendes de negócio, Tanto faz di-

zer-te como não.

JOANA - É verdade que Joana não estudou como os homens que vão à escola! Mas... Nhonhô não faça pouco... Eu sei muita coisa. Pode ser que lembre uma idéia boa.

JORGE - Não fazemos nada, Joana. O melhor é resignar-me.

JOANA - Então nhonhô deixa morrer o pai de iaiá D. Elisa?

JORGE - Ele há de atender-me!... É impossível - que um homem razoável persista em fazer semelhante - loucura.

JOANA - Mas Vm. prometeu a iaiá... E quando ela vier que lhe há de responder?

JORGE - O quê?... Que esta vida não vale as lágrimas que custa!

JOANA - Nhonhô!... Não se lembre disso!

JORGE - Que hei de fazer, Joana?

JOANA - Se não tivesse deixado o homem sair.

JORGE - Ele ficou de voltar para saber a resposta.

JOANA - Que resposta?

JORGE - Da condição que me propôs... Queria que te desse em penhor.

JOANA - Que eu fôsse para a casa dêle?

JORGE - Bem vêes que não devia aceitar!

JOANA - Nhonhô precisa do dinheiro... Aceite!... Mas é por hoje só, não é?

JORGE - Únicamente!... Amanhã, apenas o doutor chegasse, iria te buscar.

JOANA - Pois então!... Uma tarde depressa se pas

sa!... Nhonhô não faltará ao que prometeu.

JORGE - Elisa vai agradecer-me o que só deverá a ti! Assim é êste mundo.

JOANA - Eu não faço nada por iaiá D. Elisa... É por meu senhor...

JORGE - O Peixoto está se demorando! Se não voltar!

JOANA - Eu vou chamá-lo.

JORGE - Espera!... Às vêzes tenho vontade que ele não venha.

JOANA - Ah! se o Sr. doutor aparece por aí!

JORGE - Não ouves subir?

JOANA - Vou ver.

#### CENA IX

Os mesmos e PEIXOTO

PEIXOTO - Já sei que resolveu-se?

JORGE - As circunstâncias me forçaram.

PEIXOTO - Ora bem! Fechemos o negócio, Vem cá, mulata.

JOANA - Meu senhor!

PEIXOTO - Deixa lá ver os pés!

JOANA - Meu senhor está desconfiado comigo! Eu não tenho doença!... Se nunca senti me doer a cabeça, até hoje, graças a Deus!

PEIXOTO - Tá, tá, tá, cantigas!... Vamos!... Não te faças de boa!

JOANA - Ninguém ainda me tratou assim, meu senhor!

PEIXOTO - Anda lá!... Mostra os dentes!

JOANA - Todos são!

PEIXOTO - É o que esta gente tem que mete inveja! Se fôsse possível trocar!... E não tens marca?

JORGE - Senhor! Acabe com isto!... Não posso - mais ver semelhante cena.

PEIXOTO - Quem dá o seu dinheiro, Sr. Jorge, de ve saber o que compra... Se não lhe agrada...

JORGE - Está no seu direito; quem lhe contesta? Mas terminemos com isto de uma vez.

PEIXOTO - Não desejo outra coisa. Então tens as tais marcas, hein?...

JOANA - Fui mucama de minha senhora môça, que me tratava como sua irmã dela. Saí para o poder de nhonhô, que até hoje nunca me disse "Joana, estou zangado contigo!"

PEIXOTO - Tens um bom senhor, já vejo!

JORGE - Perdoa, Joana, o por que te fiz passar!

JOANA - Não foi nada, nhonhô.

PEIXOTO - Muito bem! Aqui está o papel.

JORGE - O senhor enganou-se!... Seiscentos mil-réis.

PEIXOTO - É difícil enganar-me. São mesmo seiscentos mil-réis?

JORGE - Mas eu pedi-lhe quinhentos mil-réis.

PEIXOTO - Justo! É o que há de receber. Os cem são de juro.

JORGE - Por um dia?... Pois amanhã...

PEIXOTO - Não empresto por um dia! Se quiser pagar amanhã, nada tenho com isso.

JORGE - Mas receberá.

PEIXOTO - Certamente!



JORGE - E ganhará em um <sup>55</sup> dia 20%.

PEIXOTO - São os riscos do negócio... Posso esperar anos sem receber.

JORGE - Nesse caso os serviços.

PEIXOTO - Ainda não sei quais são. Demais, tenho alimentação, vestuário, botica, médico, etc.

JORGE - Enfim!... Já não é tempo de recuar. (Vai à mesa assinar o papel.)

JOANA - Meu senhor, não cuide que vou lhe fazer despesas. Como um quase nada...

PEIXOTO - Que interêsse tens tu no negócio! Parece que estás morrendo por te ver livre de teu senhor.

JOANA - Está ouvindo, nhonhô?

JORGE - Mas, senhor!... Isto é um papel de venda.

JOANA - De venda?!... Nhonhô me vender!

PEIXOTO - Questão de palavras!... Não vê quem tem a condição de retro?

JORGE - O senhor falou-me em penhor... Venda! Nunca teria consentido.

PEIXOTO - É uma e a mesma coisa. No penhor, se o senhor não me pagar, a escrava é minha. Na venda a retro ela volta ao seu poder, logo que me pague.

JORGE - Em todo o caso prefiro o penhor.

PEIXOTO - Meu caro senhor, tenho tido todas as condescendências possíveis; mas V.S.<sup>a</sup> não está habituado a tratar certos negócios, de modo que nunca chegaremos a um acôrdo.

JORGE - Porque o senhor não diz francamente o que exige.

PEIXOTO - Essa é boa! Quer mais franqueza?... É

aceitar ou largar! Não obrigo!

JOANA - Mas se nhonhô lhe pagar amanhã, fica -  
meu senhor outra vêz?

PEIXOTO - Que dúvida!... Tem um mês para pagar!

JOANA - Então, nhonhô... Vem dar no mesmo.

JORGE - Não!... não posso assinar semelhante pa-  
pel!

PEIXOTO - Bem! o dito por não dito!... Outra -  
vez fará o obsêqui de não me incomodar. Perdi com o  
senhor a manhã inteira... sem o menor proveito. (Eli-  
sa aparece.)

## CENA X

Os mesmos e ELISA

JORGE - Ah! (assina) Tome, senhor. O dinheiro?  
(Corre a Elisa.)

PEIXOTO - Ei-lo. — Oh! Quem é esta môça?

JOANA - É a filha do Sr. Gomes.

PEIXOTO - Hum!... Percebo!

JORGE - Não se importe que a vejam aqui! Se aca-  
luniarem, eu farei calar o infame!

ELISA - Nem sei já o que faço!...

JORGE (a Peixoto) - O dinheiro?

PEIXOTO - Aqui o tem. Faça o favor de contar.

ELISA - Êste homem!...

JORGE - Que tem?

ELISA - É o que ameaçou meu pai!

JORGE - Devia ter adivinhado!

ELISA - Vendo-o entrar, julguei que já vinha...

José de Alencar

Fiquei fora de mim... Subi! Há que tempo estou ali - sem ânimo de entrar.

JORGE - Finalmente seu pai está salvo! Tome, Elisa!...

ELISA - Oh! não, Sr. Jorge!

JORGE - Tem vergonha de aceitá-los da mão de seu marido?...

ELISA - Não era melhor que o senhor mesmo entregasse a meu pai?

JORGE - Ele aceitaria mais facilmente de sua filha!

ELISA - Mas eu é que não posso!... Não devo...

JORGE - Espere!... (A Peixoto) O senhor tem em seu poder uma letra do Sr. Gomes?

PEIXOTO - Uma letra de quinhentos mil-réis? Sim, meu senhor!

JORGE - Está paga! Dê-me esta letra!

PEIXOTO - Então era esta a necessidade urgente? (Dá a letra.) Muito podem uns bonitos olhos!

JORGE - Insolente!... Respeite nesta senhora minha mulher.

PEIXOTO - Perdão! Não sabia.

JORGE (a Elisa) - Agora não deve ter escrúpulos. É um papel sem valor.

ELISA - Sem valor, Jorge!... Vale a honra e a vida de meu pai; vale a nossa felicidade.

JORGE - Vá depressa sossegar seu pai... Ah! Agradeça a Joana, Elisa.

ELISA - Por quê? Ela também se interessou por mim?

JORGE - Depois lhe direi porquê.

JOANA - Eu só peço a Deus que faça meu nhonhô e  
iaia D. Elisa muito, muito felizes!

(Durante a cena seguinte vêm-se JORGE e ELISA  
na porta.)

## CENA XI

## PEIXOTO E JOANA

PEIXOTO - Não tens alguma roupa?... Ou é só a  
do corpo?

JOANA - Tenho muita roupa, graças a Deus; é o  
que não me falta. Nhonhô me dá mais do que eu preci  
so.

PEIXOTO - Pois então vai arrumar a trouxa. E  
anda com isso.

JOANA - Por uma noite?... Nhonhô amanhã vai me  
buscar.

PEIXOTO - Todos êles dizem o mesmo... Amanhã,  
amanhã... e o tal amanhã dura um ano.

JOANA - Que diz, meu senhor?... Um ano!... Oh!  
meu nhonhô não é como êsses. Vm. há de ver... Êle -  
quer bem à sua mulata.

PEIXOTO - Vamos. Despacha-te. Vai sempre ver a  
roupa. Não digas que te engano.

JOANA - Não, meu senhor. Se eu ficar lá, o que  
Deus não há de permitir, não... eu virei buscar os  
meus trapinhos. Agora!... Se poder de meu nhonhô!...  
E Joana não poderia!

PEIXOTO - Bem! Eu cá mandarei.

## CENA XII

## Os mesmos e JORGE

JORGE - Desculpe se os fiz esperar.

PEIXOTO - Não manda mais nada ao seu serviço?

JORGE - Tenho apenas uma súplica a fazer-lhe.

PEIXOTO - Que diremos?

JORGE - Durante o tempo que esta... que Joana - vai estar em sua casa.

PEIXOTO - Que é minha escrava, quer o senhor dizer.

JORGE - Peço-lhe que a trate com duçura. Está - habituada a viver comigo, mais como uma companheira do que...

PEIXOTO - Escusa pedir-me isto. Sou bom senhor. O caso é saberem levar-me. Anda, mulata! Vamos.

JOANA - Já?!... Me deixe dizer adeus a meu nhonhô.

PEIXOTO - Pois dize lá o teu adeus... E nada de choramingas.

JOANA - Meu nhonhô, adeus! Sua escrava vai-se em bora!

JORGE - Joana!

JOANA - Não chore, nhonhô. É por hoje só. Não é?

JORGE - Eu te juro.

JOANA - Oh! Se não fôsse, nhonhô me deixava ir?

JORGE - Decerto que não!

JOANA - Mas se o Sr. Doutor não vier amanhã?

JORGE - Se ele faltar, meu Deus!

JOANA - Não há de faltar, não. Sr. doutor é ho mem de palavra...

JORGE - E quando por qualquer acaso sucedesse... Ainda tenho forças para trabalhar.

JOANA - Oh! meu nhonhô! Não é por mim que tenho medo de ficar lá. Deus é testemunha... Mas quem há de tratar de meu nhonhô quando sua Joana não estiver aqui?... Quem há de preparar tudo para que não lhe falte nada? E se nhonhô cair doente?!... Meu Jesus!.. Que dor de coração só de pensar nisso!

JORGE - Consola-te, Joana. Algumas horas depressa se passam.

JOANA - É assim mesmo, nhonhô... Mas que saudades que Joana vai ter... Ela que nunca saiu de junto de seu senhor... nem um dia... Que nunca se deitou - sem tomar a bênção! Nhonhô também há de ter saudades de sua escrava?...

JORGE - Perguntas, Joana.

JOANA - Oh! Eu sei que nhonhô há de ter!... Mas não fique triste, não.

JORGE - Joana, não me faças perder a coragem... Deste modo não terei ânimo.

JOANA - Está bom, nhonhô. Olhe: Joana não chorará mais! Está se rindo. Amanhã ela estará aqui outra vez, servindo seu nhonhô... É iaiá D. Elisa, Sr. Gomes... todos contentes!

PEIXOTO - Se continuamos assim, não saio daqui hoje! É uma choradeira que nunca mais se acaba.

JORGE - Não zombe destas lágrimas, senhor! Joana me criou! Nunca nos separamos. É toda a minha família! Ela e um amigo que tive hoje a felicidade de ver. Amor de mãe que não conheci, amor de irmã que não tive, tudo concentrei nela!

PEIXOTO - Mas é preciso que terminemos com isto.

JORGE - É justo... Joana! Adeus! Até amanhã!

JOANA - Até amanhã!... Sim, meu nhonhô!... Mas se eu lhe pedisse...

## ATO QUARTO

Em casa de JORGE, a mesma sala.

## CENA PRIMEIRA

JORGE E ELISA

ELISA - Sr. Jorge!...

JORGE - Ah! bom dia, Elisa!... Seu pai?

ELISA - Está inteiramente calmo. Saiu... Disse-me que daqui a pouco lhe viria agradecer.

JORGE - Ele já sabe?

ELISA - Conte-lhe tudo!... Não devia?

JORGE - Fêz bem. Que respondeu êle?

ELISA - Sorriu, Jorge!

JORGE - Aprovou portanto...

ELISA - Parece...

JORGE - Só nos falta para sermos felizes...

ELISA - O quê?... Não me responde?

JORGE - Não posso agora! Depois saberá, Elisa.

ELISA - Deve ser alguma coisa que lhe pêsá! Está inquieto!

JORGE - É engano!... Não tenho motivo de inquietação.

ELISA - Quer ocultar de mim, que lhe contei todos os meus pesares?

JORGE - Nada oculto... São recordações... O espírito humano é assim... Inquieta-se, possui-se de um vago temor, quando maior razão tem de alegrar-se.

ELISA - Pois eu o deixo... Já que não posso des

vanecer, não quero perturbar essas recordações.

JORGE - É uma queixa injusta. Fique!

ELISA - Oh! Não... Não posso demorar-me... Não devo! Quis unicamente agradecer-lhe... Na presença de meu pai não teria ânimo.

JORGE - Por que, Elisa?

ELISA - Não sei!... Há certas coisas que... Não posso explicar... Mas só ao senhor as diria!

JORGE - Tem razão, Elisa! Se há poder sublime é o da alma.

ELISA - Será talvez por isso... Eu conheço que é impróprio vir aqui! Porém ontem a desgraça me arrastou sem consciência do que fazia! Hoje foi a gratidão que me trouxe.

JORGE - Uma vez por tôdas, Elisa. Não tem que me agradecer.

ELISA - Oh! Sr. Jorge!

JORGE - Não, Elisa. O que fiz foi por egoísmo. Não defendia a minha felicidade? E se alguém deve ser grato, não sou eu?

ELISA - O que o senhor chama a sua felicidade, não é também a minha? Fui eu que a dei ou que recebi?...

JORGE - Deu-a.

ELISA - Recebi-a com a honra e a vida de meu pai. Bem vê que a gratidão me pertence e a mim só!

JORGE - De modo algum!

ELISA - Não ma roube!... É a minha única riqueza.

JORGE - E o amor, Elisa?

ELISA - Êsse não me pertence! É seu!... Bem o sabe! Adeus.

JORGE - Até logo, então?



ELISA - Até logo, sim... Onde está Joana?

JORGE - Joana? Lá dentro... saiu... creio.

ELISA - Ainda hoje não a vi!... Desde ontem à tarde!...

JORGE - Estêve ocupada talvez.

ELISA - Ralhe com ela para não ser ingrata!... É verdade!... O que ficou de me dizer ontem?...

JORGE - Depois, Elisa!

ELISA - Também o senhor hoje vai deixando tudo para depois. Quando se realizarão tôdas as suas promessas?...

JORGE - No dia em que se realizarem as minhas esperanças.

ELISA - Ah!... Tem bem que esperar!

JORGE - Não há de ser tão má.

## CENA II

Os mesmos e JOANA

ELISA - Aqui está ela!

JORGE - Joana!

JOANA - Meu nhonhô!... Como está?... Dormiu bem?... Não teve nenhum incômodo, não?... Ai, que já não podia... Passar tanto tempo sem ver meu nhonhô! Adeus, iaiá.

ELISA - Estou muito agastada contigo!... Onde é que andaste?

JOANA - Eu! aí mesmo, iaiá.

ELISA - Mas chegaste de fora... Ainda não tinhas visto Sr. Jorge hoje?

JORGE - Ainda não.

ELISA - O senhor ainda não saiu!...

JOANA - Não vê, iaiá... Sim! eu fui ontem de tarde... Aproveitei, como o tempo estava bom... Fui lavar uma trouxa de roupa numa chácara em Santa Teresa.

ELISA - Por isso é que não te vi mais ontem?

JOANA - Foi, iaiá... Foi por isso mesmo!... Mas nhonhô está triste! não fala com sua mulata.

JORGE - Já te falei, Joana. Estou esperando pelo doutor!

JOANA - Não tarda, nhonhô... Vem sem falta. Não se agonie.

ELISA - E eu não quero que me encontre aqui!

JOANA - Iaiá já vai?... Então quando é o dia!

ELISA - Que dia?... Começas com as tuas graças!

JOANA - Ora, isso é uma coisa tratada. Não e, nhonhô?

JORGE - Só falta o que tu sabes, Joana!

ELISA - O quê?... Não me dizem?

JORGE - É um segredo!

JOANA - Iaiá quer saber?

ELISA - Quero, sim!... É a meu respeito?

JOANA - Escute, iaiá... No ouvido. É o vestido que está se fazendo.

ELISA - Mentirosa!... Cuidas que eu acredito?

JOANA - Se eu é que hei de cosê-lo com estas - mãos!

ELISA - Antes disso tens muito que coser.

JOANA - O enxoval! Não é, iaiá?

ELISA - Joana! Por tua causa não hei de vir mais

aqui. (Sai.)

CENA III  
JOANA E JORGE

JORGE - Como te tratou aquele homem, Joana? Não imaginas quanto me arrependi... Entretanto se não o fizesse, quem sabe o que aconteceria!

JOANA - Não tenha cuidado, nhonhô! Joana vive em tôda a parte... O que tem é que sente um apêrto de coração quando não pode ver seu nhonhô!

JORGE - Também eu! Tôda a noite não pude sos-segar... Faltava-me alguma coisa.

JOANA - Deveras!... Nhonhô sentiu que sua Joana se fôsse embora!... Como nhonhô é bom! Como quer à sua Joana!

JORGE - Pois duvidavas?

JOANA - Então eu não sei que nhonhô me estima!

JORGE - Muito!... E o doutor que não chega!

JOANA - Não pode tardar. Enquanto nhonhô espera, eu vou endireitar isto... Como há de estar tudo numa desordem!

JORGE - Decerto!... não estando tu aqui...

JOANA - Por isso eu hoje, logo que acordei, pedi a Nosso Senhor Jesus Cristo, primeiro pela vida e saúde de meu nhonhô, de iaiá D. Elisa, do Sr. Gomes, do Sr. doutor; depois prometi à Nossa Senhora uma camisinha bordada para seu menino Jesus dela, o que está na igreja do Sacramento, se não deixasse - dar nove horas em S. Francisco de Paula sem que eu viesse ver meu nhonhô, tomar a benção a êle e fazer seu serviço para que não sentisse a falta de sua - Joana.

JORGE - E suu eu que hei de cumprir a tua pro-

messa.

JOANA - Não é nhonhô que me dá tudo?... Depois, das mãos de nhonhô a Virgem Santa há de receber com mais gôsto.

JORGE - Ela a receberá do teu coração, Joana.

JOANA - Mas eu é que hei de bordar a camisinha!

JORGE - Faz-te mal aos olhos o bordar.

JOANA - Para Nossa Senhora... Para seu Menino Jesus dela! Qual!

JORGE - Só consinto com a condição de não trabalhares à noite.

JOANA - Pois sim, nhonhô. Mas eu não disse como Nossa Senhora se lembrou de mim!

JORGE - Como foi?

JOANA - Olhe, nhonhô!... Vê-se mesmo que foi coisa do Céu! E há gente que zomba e não quer acreditar!... Pois eu estava pensando no meu canto, que volta havia de dar para ver nhonhô, quando o homem me chamou e disse: "Se alguém bater fala pela janela e manda esperar. Eu costumo fechar porta da rua e levar a chave."

JORGE - Deixou-te presa?

JOANA - Não, nhonhô! Aí é que está o milagre de Nossa Senhora! Eu fiquei fria quando êle disse aquilo!... De repente chega uma carta! O homem lê, ataranta-se todo, e lá se vai, sem chava, sem nada!

JORGE - E saíste?

JOANA - Fechei tudo direitinho, cerrei a porta da rua e corri até aqui.

JORGE - Não se zangue êle quando voltar!

JOANA - Antes disso eu hei de estar lá... Deix-me endireitar tudo... Espanar a mobília.

JORGE - Talvez não voltes mais! Chegando o doutor...

JOANA - Quem dera, nhonhô!

JORGE - Não te há de alegrar mais do que a mim.

JOANA - Ora, nhonhô quer se privar de sua mobília tão bonita!... Simples, mas bem feitinha!... Estas cadeiras tão direitinhas... e leves!... Êstes aparadores... Parece que se tomou a medida pela casa.

JORGE - Preferia perder tudo isto a ver-te sair de minha casa... E como?

JOANA - O melhor é a gente não se lembrar mais disto! Oh! nhonhô! Que vidro é êste que está aqui?

JORGE - Qual, Joana?

JOANA - Êste, nhonhô. Não vê?

JORGE - Cuidado, Joana. É veneno!

JOANA - Veneno!... Nhonhô!... Que quer fazer?... Mau...

JORGE - Ouve!...

JOANA - Mau, sim!... Nhonhô é um ingrato!... - Meu Senhor Deus!... E eu não tive uma pancada no coração que me dissesse!

JORGE - Que estás aí a inventar, Joana? Quem te disse que êste veneno era para mim?

JOANA - Ah! não era... Mas como veio parar aqui?

JORGE - Eu te explico. Ninguém mais do que tu deve saber. É a prova da tua generosidade!... O pai de Elisa.

JOANA - Sr. Gomes?

JORGE - Queria matar-se!

JOANA - Por causa daquela letra?

JORGE - Justamente. Elisa tirou-lhe o veneno e

me confessou tudo ontem!

JOANA - Que menina! Hum!... Não me disse nada! Foi dela que nhonhô tomou o vidro?... Mas não devia deixar por aqui.

JORGE - Esqueci-me. Tenho tido tantas preocupações. Dá cá.

JOANA - Eu guardo, nhonhô, para deitar fora.

JORGE - Vê se te descuidas!...

JOANA - Está no seio. Vou atirar ao mar... Po de algum malfazejo...

JORGE - Não o abras!

JOANA - Eu!... Nosso Senhor me defenda.

JORGE - Aí está o doutor!

JOANA - Ah!... Que ia fazendo?

JORGE - Hein?... Que foi?...

JOANA - Naquela aflição de ontem me esqueci!... Nhonhô não diga nada a êle do que se passou!... Olhe lá!

JORGE - Por quê? Não queres que êle te admire?

JOANA - Nhonhô! Fora de graça!... Não diga nada! Por tudo quanto há!

JORGE - Tens razão!...

#### CENA IV

Os mesmos e Dr. LIMA

Dr. LIMA - Então como se arranjou?

JORGE - Achei quem me emprestasse, mas com a condição de pagar hoje sem falta.

Dr. LIMA - Muito bem! Eu fiz o que pude. Ontem nada consegui.

JORGE - E hoje?...

Dr. LIMA - Adeus, Joana.

JOANA - Meu senhor passou bem?

JORGE - Mas então, doutor?

Dr. LIMA - O que lhe disse eu ontem?

JORGE - Que hoje às nove horas, se não pudesse antes.

Dr. LIMA - Que horas são?

JORGE - Não sei! Empenhei o meu relógio!...

JOANA - Hã de ser nove, meu senhor.

Dr. LIMA - Menos cinco minutos. Eu aqui estou e o dinheiro comigo.

JORGE - Ah!

JOANA - Eu sempre disse! Homem de palavra, como meu senhor!...

Dr. LIMA - Espera! que temos uma conta a ajustar...

JOANA - Comigo?... Eu não fiz nada!

Dr. LIMA - Já te falo. (A Jorge) Aqui tem. Está nesta carteira um conto de réis. Tire o que precisar.

JORGE - Preciso de seiscentos mil-réis. Tenho oi tenta, bastam-me quinhentos e vinte.

Dr. LIMA - Não se acanhe!... Êsses oitenta mil-téis são naturalmente o produto do seu relógio empenhado!... Vá desfazer essa transação. Gaste o que fôr preciso para pôr em ordem os seus negócios. Depois fa laremos.

JORGE - Não lhe sei agradecer, doutor!... Se ê te dinheiro fôsse para matar-me a fome, eu não o receberia com tanta avidez.

Dr. LIMA - Agora a nossa conta, Joana. Jorge não te deu ontem um papel?

JOANA - Meu senhor!...

JORGE - Como soube, doutor?

Dr. LIMA - Eu não estava aqui?... Já se esqueceram?...

JORGE - Estava... mas...

Dr. LIMA - Quando te deu êsse papel, que te disse Jorge?

JOANA - A que vemisto agora, meu senhor?

Dr. LIMA - Ainda!... Disse-te: "Joana, nesta casa não há mais nem senhor nem escrava." (A Jorge) Não foi isto?

JORGE - Foi, doutor, e repito.

Dr. LIMA - Ora bem! Se eu te ouvir daqui em diante alguma destas palavras, meu senhor, sua escrava saio por aquela porta e não ponho mais os pés aqui!

JOANA - Meu... Sr. doutor!

JORGE - Ralhe! Ralhe com ela, doutor, para ver se emenda-se.

Dr. LIMA - Não venho mais cá e escrevo uma carta a Jorge... explicando-lhe o motivo?

JOANA - Ah! Vm. não há de fazer isto! Eu juro o que quiser.

Dr. LIMA - Estamos entendidos.

JORGE - Dê-me licença, doutor. Vou sair um instante para saldar essa dívida que me pêsá.

Dr. LIMA - Sem cerimônia! Vá. Enquanto espero, Joana, prepara alguma coisa, que ainda não almocei.

JORGE - Ouves, Joana?!

JOANA - Já. Num momento!

Dr. LIMA - Chá e pão, basta!... Quem toca por aqui?



JOANA - É iaiá.

JORGE - É a minha vizinha do primeiro andar.

Dr. LIMA - Que não tarda subir ao segundo?

JORGE - Talvez, doutor.

CENA V

Dr. LIMA E JOANA

Dr. LIMA - Dá-me o jornal!... Aquilo que eu te disse é sério, ouviste, Joana?

JOANA - Ouvi, Sr. doutor. Quer que eu jure outra vez?

Dr. LIMA - Não é necessário.

JOANA - Ai!... Iaiá D. Elisa vai cantar! Como ela está contente hoje! Coitadinha! É uma pombinha sem fel!... E como canta bem!... Ora, discípula de nhônhô!... Que bonita voz!... Não é, Sr. doutor?

Dr. LIMA - Muito; há outra que eu acharia mais bonita.

JOANA - Qual?... Não é capaz.

Dr. LIMA - A tua, Joana...

JOANA - Gentes!... Que partes do Sr. doutor.

Dr. LIMA - Se ouvisses o resto... É a tua quando me disseres que o almoço está pronto.

JOANA - Santo Deus!... E eu a dar à taramela!... Perdão, Sr. doutor.

Dr. LIMA - Perdôo-te o julgares que com sessenta anos tinha tenções de namorar-te.

CENA VI

Dr. LIMA

(Cena muda. O doutor lê o jornal, interrompendo às vezes a leitura para ouvir o romance francês - Aiguille - que Elisa canta; afinal adormece. Pouco depois de acabar o romance, entra Jorge.)

CENA VII

Dr. LIMA E JORGE

JORGE - Que maçada!

Dr. LIMA - Hein!... Que é?... Que temos?

JORGE - Estou contrariado, doutor. Não achei o homem.

Dr. LIMA - Não é culpa sua. Ele que o procure.

JORGE - Fiquei de ir levar-lhe o dinheiro, eu mesmo.

Dr. LIMA - Voltará depois.

JORGE - Devo pagar-lhe hoje sem falta.

Dr. LIMA - O dia apenas começou. Há tempo de so  
bra.

JORGE - Só o encontrarei de manhã.

Dr. LIMA - Ora, se lhe parece!... Faça disso u  
ma questão de honra! Já o procurou; cumpriu o seu de  
ver. Ele que apareça.

JORGE - Aqui?

Dr. LIMA - Então!... Onde há de ser?

JORGE - Eu é que devo ir à sua casa.

Dr. LIMA - Há de poupar-lhe êsse incômodo. Não  
digo!

CENA VIII

Os mesmos, ELISA E GOMES

GOMES - Não é uma visita, Sr. Jorge, que viemos fazer-lhe, minha filha e eu.

JORGE - Sente-se, D. Elisa... Sr. Gomes, doutor!...

GOMES - Não é uma visita, não. É uma romaria, como dizem que outrora faziam aos lugares santos.

JORGE - Ora, Sr. Gomes.

GOMES - O Sr. doutor, a quem peço desculpa de minha distração de ontem...

Dr. LIMA - Não tem de quê. Vi que estava indisposto.

GOMES - Estava, como pode estar o homem a quem a honra ordena que morra e sua filha órfã pede que viva.

ELISA - Meu pai!... Esqueça-se!...

GOMES - Ao contrário devo lembrar! Devo confessá-lo! Não temos outro meio de reconhecer a dedicação daquele a quem tu deves a vida do teu pai; e eu mais do que a vida.

JORGE - Para que voltar a um passado que nos aflige a todos?

GOMES - Eu não conheço egoísmo mais cruel do que o do benfeitor que recusa o reconhecimento daqueles a quem recorreu. A gratidão, Sr. Jorge, não é só um dever; é também um direito.

Dr. LIMA - É um direito sagrado!

JORGE - Porém, doutor, o Sr. Gomes nada me tem a agradecer. Ele o sabe; e vou dar-lhe a prova. Estamos entre amigos, Elisa... seu pai e o meu...

Dr. LIMA - Pela afeição unicamente! Nunca lhe fiz serviços...

JORGE - Doutor!... Não há meia hora!

GOMES - Vê, Sr. Jorge! O senhor mesmo me dá razão.

JORGE - Não, senhor! Ouça... Eu concebi, há meses, uma esperança de cuja realização depende a ventura de minha vida. Amava... Amo sua filha!

GOMES - Ela me confessou, Sr. Jorge.

JORGE - Confessou-lhe unicamente que eu a amava?

GOMES - E que era...

ELISA - Meu pai!...

GOMES - Não cores, minha filha. O amor puro, - como o teu, é a coroa de virgem de uma môça. Elisa - também o ama, Sr. Jorge.

JORGE - Que fiz eu pois, Sr. Gomes, senão velar sobre a minha felicidade?... Fui apenas egoísta... Não tenho razão, doutor?...

Dr. LIMA - Todos têm razão; mas é preciso que se entendam. Definamos a situação, como dizem os estadistas quando a querem embrulhar. Jorge pede-lhe a mão de sua filha, Sr. Gomes.

GOMES - Responde, Elisa.

ELISA - Não... Logo... meu pai!

GOMES - É de ti unicamente que êle deve receber a tua mão!

ELISA - Êle já não sabe?

JORGE - É verdade! Só esperamos pelo seu consentimento.

GOMES - Não tenho consentimento a dar... Faço um voto pela felicidade de ambos.

Dr. LIMA - Isto é mais claro. Marquemos o dia.

GOMES - O Sr. Jorge dirá.

ELISA - Já!... Que pressa!

JORGE - Elisa é quem deve marcar.

ELISA - Eu não!

Dr. LIMA - Pois marco eu. E aposto que vão todos ficar satisfeitos. Que dia é hoje?

JORGE - Terça-feira.

Dr. LIMA - Em três dias faz-se um vestido... Sábado!

GOMES - Muito bem.

JORGE - Concordo.

ELISA - Tão cedo!...

Dr. LIMA - Quanto à casa, esta tem as acomodações.

JORGE - Ainda não a viu, Sr. Gomes? Venha. Quero mostrar-lhe o gabinete que lhe destino.

GOMES - A mim!...

JORGE - Desejo que Elisa tenha seu pai junto de si. Entremos. É casa de estudante... Não repare.

#### CENA IX

#### Dr. LIMA E ELISA

Dr. LIMA - Há pouco, sem o suspeitar, deu-me grande prazer, minha senhora. Ouvi-a cantar.

ELISA - Ah! Estava aqui?

Dr. LIMA - Era um romance francês!...

ELISA - Aprendi-o a cantar ouvindo-o. Por isso gosto muito dêle.

Dr. LIMA - Tem uma linda voz!

ELISA - Qual!... Há muitos dias que não cantava! Hoje tive umas saudades!

Dr. LIMA - Da música ou do mestre?...

CENA X

Os mesmos e PEIXOTO

PEIXOTO - Viva, senhor!

Dr. LIMA - Tire o chapéu!... Não vê que está -  
diante de uma senhora?

PEIXOTO - Não reparo nestas coisas... A minha  
escrava?...

Dr. LIMA - Que escrava? O senhor sabe a quem -  
fala?

PEIXOTO - A escrava que o tal Sr. Jorge me ven-  
deu!... Fugiu-me esta manhã!... Está acoitada aqui!

ELISA - Joana!

Dr. LIMA - Tranqüilize-se, D. Elisa. Joana es-  
tá fôrra. Jorge deu-lhe a carta à minha vista!

ELISA - Ela o merecia!

PEIXOTO - Que história está aí o senhor a con-  
tar?

Dr. LIMA - Digo-lhe a verdade.

PEIXOTO - Pois enganou-se!... Quero já para a-  
qui a minha escrava!... Senão vou à polícia!... É u-  
ma velhacada!

Dr. LIMA - Lembro-lhe que não está em sua casa!  
De que escrava fala o senhor!

PEIXOTO - Quantas vezes quer que lhe diga?...  
Da mulata Joana, que comprei ontem!

ELISA - Ah!

Dr. LIMA - O senhor mente!

PEIXOTO - Veremos!... Eu lhe mostrarei para que  
serve êste papel. (O doutor lê o papel na mão de Pei-  
xoto. Joana aparece no fundo.

## CENA XI

Os mesmos, JORGE E GOMES

JORGE - Cale-se.

GOMES - Êste miserável aqui!

PEIXOTO - A minha escrava!

Dr. LIMA - Desgraçado!...

JORGE - Doutor...

Dr. LIMA - Tu vendeste tua mãe! (Joana foge.)

JORGE - Minha mãe!... Ah!...

Dr. LIMA - Tua mãe, sim!... Digo-o alto! porque te sei bastante nobre para não renegares aquela que te deu o ser. (Pequena pausa.)

PEIXOTO - Em todo o caso.. Eu não perco o meu dinheiro.

Dr. LIMA - Quanto se lhe deve?

PEIXOTO - Seiscentos mil-réis! (Jorge tira o dinheiro.)

Dr. LIMA - Dê-me êste papel.

JORGE - Não o rasgue, doutor!

Dr. LIMA - Para exprobrar-lhe o que me obrigou a fazer!... Porque foi ela... que tratou com êsse homem.

PEIXOTO - Lá isso é a pura verdade.

JORGE - A carta rasgou-a!

Dr. LIMA - Amor de mãe!...

JORGE - Ah! Meu pai!... Como deves sofrer neste momento!

Dr. LIMA - Êle não teve tempo de declarar... A morte foi repentina.

JORGE - E ter vivido vinte anos com ela, recebendo todos os dias, a todo o instante as efusões dês se amor sublime!... E não adivinhar!... Não pressentir!... Perdão, minha mãe!... Onde está ela? (Sai.)

CENA XII

Dr. LIMA, GOMES, ELISA, PEIXOTO, e VICENTE

VICENTE (a Peixoto) - Alto lá, camarada! (Segura-o pela gola. )

PEIXOTO - Isto são modos!

VICENTE - Bom dia, Sr. doutor e companhia.

Dr. LIMA - Adeus.

PEIXOTO - Largue-me, senhor!

VICENTE - Está seguro! Deixe-se de partes.

PEIXOTO - Com que direito me priva de sair?

VICENTE - Já lhe digo. (Lê) "Mandado de prisão passado a requerimento do Dr. Promotor!..."

PEIXOTO - Eu prêso!... Por quê?

VICENTE - Por causa de certas letras...

PEIXOTO - É falso!

VICENTE - São falsas mesmo as tais letras...

PEIXOTO - Sr. Vicente...

VICENTE - Romão, meu caro senhor, Romão... Tenha a bondade de seguir-me.

GOMES - Deus é justo! (Elisa entra rapidamente na alcova.)

CENA XIII

Dr. LIMA, GOMES e JORGE



JORGE - Viu-a, doutor?... Não a encontrei!... Procurei tudo!

Dr. LIMA - Sossegue, Jorge! Deve ter saído... Ela nada sabe ainda! Seja prudente... Não lhe anuncie de repente!... O choque pode ser terrível!...

JORGE - Não me sei conter!... Quero abraçá-la!... Minha mãe!... Que prazer supremo que eu sinto em pronunciar este nome!... Parece-me que aprendi-o há pouco!...

GOMES - Sr. Jorge.

JORGE - Ah! Desculpe... Esqueci-me que estava aqui... O que acabo de saber!...

GOMES - Penaliza-me bastante, creia.

JORGE - Como, Sr. Gomes?

GOMES - Sinto muito, porém. O senhor compreende a minha posição... As considerações sociais...

JORGE - Acabe, senhor!...

GOMES - Esse casamento não é mais possível!

JORGE - Ah!

Dr. LIMA - Por que razão, Sr. Gomes?

JORGE - Porque não reneguei minha mãe!

GOMES - Sr. Jorge, eu o estimo... porém...

JORGE - Tem razão, Sr. Gomes!... O senhor me julga indigno de pertencer à sua família porque eu sou filho daquela que se vendeu para salvar essa mesma honra em nome da qual me repele!

GOMES - Que diz, senhor?...

ELISA (fora) - Jorge!... Sua mãe!...

JORGE - Elisa!... Aonde?... (Entra na alcova.)

GOMES - Nas minhas circunstâncias que faria, Sr. doutor?

Dr. LIMA - Não há considerações nem prejuízos, senhor, que me obriguem a cometer ingratidão.

CENA XIV

Dr. LIMA, GOMES, JORGE E JOANA

JORGE - Doutor, acuda!... Depressa!...

Dr. LIMA - O quê?

ELISA - Este vidro!...

GOMES - Envenenada!...

JOANA - Um ataque!...

JORGE - É o mesmo veneno que ela arrancou-lhe dos lábios... Sr. Gomes!

Dr. LIMA - Que fizeste, Joana?

JOANA - Nada, meu... Sr. doutor.

JORGE - Salve-a, meu amigo!...

Dr. LIMA - Só Deus!... A ciência nada pode!

JORGE - Minha mãe!...

JOANA - Não!... Eu não sou sua mãe, nhonhô... O que êle disse, Sr. doutor, não é verdade... Êle não sabe...

Dr. LIMA - Joana!...

JOANA - Não é verdade, não!... Pois já se viu - isso?... Eu ser mãe de um moço como nhonhô!... Eu uma escrava!... Não vê, nhonhô, que êle se engana?

JORGE - Me perdoa, minha mãe, não te haver conhecido!

JOANA - Sr. doutor quer dizer que eu fui ama de nhonhô!... Que nhonhô era meu... meu... de leite... só!... só de leite!...

JORGE - Chama-me teu filho!... Eu te suplico!...

JOANA - Mas não é... não!... Eu juro...

Dr. LIMA - Joana!... Deus nos ouve!

JOANA - Por Deus mesmo.. Êle sabe por que digo isto!... Por Deus mesmo... Juro... que... Ah!...

JORGE - Morta!...

ELISA - Minha boa Joana!...

JOANA - Escute, iaiá Elisa... É a última coisa que lhe peço... Iaiá há de fazer meu nhonhô muito feliz!... Me promete?... Queira a êle tanto bem, como Joana queria... Mas, nem iaiá nem ninguém pode... não!...

JORGE - Minha mãe!... Por que foges de teu filho, apenas êle te reconhece?

JOANA - Adeus, meu nhonhô... Lembre-se à vêzes - de Joana... Sim?... Ela vai rezar no céu por seu nhonhô... Mas antes eu queria pedir...

JORGE - O que, mãe? Pede-me!...

JOANA - Nhonhô não se zanga?

JORGE - Eu sou teu filho!... Dize!... Uma vez ao menos.. êste nome.

JOANA - Ah!... Não!... Não posso!

JORGE - Fala! Fala!

JOANA - É um atrevimento!... Mas eu queria antes de morrer... beijar sua... sua testa, meu nhonhô!...

JORGE - Mãe!...

JOANA - Ah!... Joana morre feliz!

JORGE - Abandonando seu filho.

JOANA - Nhonhô!... Êle se enganou!... Eu não... Eu não sou tua mãe, não... meu filho! (Morre.)

JORGE (de joelhos) - Minha mãe!...

ELISA - E minha, Jorge!...

José de Alencar

---

GOMES - Ela abençoe tão santa união!...  
Dr. LIMA - E me perdoe o mal que lhe fiz!

FIM DE "MÃE"

---

† † †